



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD

FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA – FAIND

ESPECIALIZAÇÃO ESCOLA DA TERRA.

JOÃO SILVA FIRMO

Morraria do Sul, Memórias e Resistências: Uma Autoetnografia do conflito territorial entre Posseiros e indígenas Kadiwéus na Serra da Bodoquena-MS.

**DOURADOS / MS
2025**

JOÃO SILVA FIRMO

Morraria do Sul, Memórias e Resistências: Uma autoetnografia do conflito territorial entre Posseiros e indígenas Kadiwéus na Serra da Bodoquena-MS.

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu. Apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista em Educação do Campo**, Escola da Terra, pela Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados.

Orientadora: **Dra. Daniele Gonçalves Colman.**

**DOURADOS / MS
2025**

SUMÁRIO

1. ASPECTO INTRODUTÓRIO.....	07
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICAS.....	09
3. METODOLOGIA.....	11
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	12

HISTÓRIAS ORAIS

Ernestina Oliveira Moura.....	17
Trindade Pereira Dos Santos.....	27
Lourenço Anastácio.....	40
5. Histórias cruzadas: Conflito e resistência em Morraria do sul	
5.1. Resistência Kadiwéu: Memórias do conflito que ecoaram o tempo.....	46
5.2. Autoetnografia e História Oral: Ferramentas importantes para a construção das memórias coletivas.....	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	49
8. APÊNDICE: História oral Marilda Pinto.....	50
9. ANEXOS.....	55

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que dirijo meus agradecimentos a todos que contribuíram para a concretização deste projeto. Primeiramente, um agradecimento muito especial aos meus ancestrais, pois foram através das suas lutas e vivências que me permitiram chegar aonde estou. Aos estudantes do ensino médio da Escola Estadual Joaquim Mário Bonfim, extensão sala Morraria do Sul turma de 2023. Foi no entusiasmo e na curiosidade de vocês que a semente para esta iniciativa foi plantada, e sem a dedicação e o talento de cada um, este trabalho não teria sido possível. Vocês são a prova viva de que a juventude tem um papel fundamental na preservação e na construção do nosso legado.

Meu mais profundo agradecimento a todos da minha família e amigos, em especial minha mãe, Edir Silva Firmo. Sua força, dedicação e amor incondicionais foram a base de tudo, a inspiração constante para seguir em frente mesmo diante dos desafios. Agradeço meu companheiro de jornada, Antônio Matias da Silva. Seu apoio incondicional, compreensão e incentivo constante foram o alicerce emocional que me permitiu dedicar-me integralmente aos estudos. Muito obrigado por estarem ao meu lado em todos os momentos.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão aos estudantes e professores do programa de Pós-Graduação em Educação do Campo; Escola da Terra, que com suas contribuições, discussões e ensinamentos, enriqueceram meu percurso e aprofundaram meu olhar sobre o tema da minha pesquisa. Um agradecimento muito especial à minha orientadora, Dra. Daniele Gonçalves Colman. Sua orientação precisa, paciência e incentivo foram fundamentais para a estruturação e desenvolvimento desta pesquisa, transformando cada orientação em aprendizado.

Por fim, agradeço imensamente a todos os participantes do projeto. A generosidade de vocês em compartilhar suas experiências, conhecimentos e perspectivas foi a alma deste trabalho, conferindo-lhe a profundidade e a autenticidade necessárias. A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho, minha eterna gratidão.

RESUMO

Os povos indígenas Kadiwéu vêm enfrentando disputas territoriais ao longo do século, conflitos marcados por disputas históricas e pressões externas sobre suas terras. A História do distrito de Morraria do Sul, no município de Bodoquena, Estado do Mato Grosso do Sul, é um dos principais focos dessas disputas de terras, que se intensificaram na região da serra da Bodoquena. A trajetória da região é marcada por constantes conflitos fundiários que se agravaram com a ocupação por posseiros nas décadas de 1970 a 1985. A pesquisa adota uma abordagem autoetnográfica e de história oral, utilizando depoimentos de colonos e indígena kadiwéu na construção das memórias coletivas. Ancorado em um referencial teórico decolonial, o estudo busca não apenas documentar essas experiências, mas também questionar o processo de colonização, propondo uma leitura que valorize a identidade e o patrimônio cultural da região. Essa perspectiva contribui para o entendimento de como os Kadiwéus resistiram às pressões coloniais e ao mesmo tempo reforça a importância de preservar essas memórias locais para futuras gerações. Mais do que documentar fatos históricos, a proposta deste trabalho é valorizar a identidade cultural e o patrimônio imaterial da região, destacando as formas de resistência dos indígenas diante das ameaças dos posseiros em seu território. Ao mesmo tempo, reforça-se a importância de preservar essas memórias locais como um instrumento de conscientização, justiça histórica e fortalecimento das lutas dos Kadiwéus por suas terras demarcadas.

Palavras-chave: Autoetnografia, História oral, Indígena Kadiwéu, Posseiros, Conflito territorial.

1. ASPECTO INTRODUTÓRIO



Foto do autor

Distrito de Morraria do sul, vista panorâmica para a reserva indígena Kadiwéu 01/12/2024

O Distrito de Morraria do Sul, situado a 30 km do município de Bodoquena (MS), é um território de grande importância histórica. Localizado entre o Parque Nacional da Serra da Bodoquena e a Reserva Indígena Kadiwéu no município de Porto Murtinho, essas regiões foram palco de intensos conflitos fundiários entre os indígenas Kadiwéus que defendiam sua reserva e os Posseiros que ocupavam terras que se intitulavam devolutas na serra da Bodoquena.

A Reserva Kadiwéu, reconhecida oficialmente como território indígena em um acordo entre Dom Pedro II e os Kadiwéus – em reconhecimento à sua participação na defesa do Brasil durante a Guerra da Tríplice Aliança –, tornou-se um símbolo de resistência e disputas territoriais. “A contrapartida que os Kadiwéus afirmam ter recebido pela participação na Guerra do Paraguai foi o reconhecimento, pelo Imperador D. Pedro II, do território que ocupavam tradicionalmente” (Silva, 2014, p. 109).

Historicamente, a colonização do Distrito de Morraria do Sul foi marcada por uma relação de dominação dos colonizadores sobre os indígenas Kadiwéus, povos nativos da região. Esse processo levou a um grande conflito entre colonos e indígenas, onde desencadeou um embate sangrento, onde muitas pessoas foram retiradas à força das terras ocupadas. O trabalho desenvolvido utiliza o conceito de "colonialidade do poder" de Quijano (2005), que demonstra como raça e racismo são estruturas centrais para a acumulação de capital e o poder global. Essa colonialidade vai além da economia, abrangendo o controle do

Estado, das instituições e da produção de conhecimento, naturalizando a hierarquia racial no sistema-mundo moderno.

A colonização do Distrito de Morraria do Sul foi marcada por tensões crescentes, especialmente entre a década de 1970 e o ano de 1983, quando posseiros de diferentes regiões do Brasil intensificaram as invasões na serra da Bodoquena. Esse cenário revela os desafios enfrentados pelos Kadiwéus e sua luta contínua para proteger suas terras e manter sua identidade cultural diante da expansão dos colonos.

Nos primeiros anos da década de 1980 instaurou-se um conflito entre indígenas Kadiwéu e distintas categorias de produtores rurais na Serra da Bodoquena. A referida contenda foi bastante divulgada e comentada na mídia sul-mato-grossense. De certo modo, as raízes do problema podem ser situadas na Guerra da Trílice Aliança, quando o Governo Imperial do Brasil prometeu terras como forma de retribuição da participação desses indígenas na guerra. Porém, foi no processo de arrendamento das terras que a situação foi se agravando. (Muller, 2011, p.31)

Esta pesquisa analisa os impactos desse processo de colonização, com foco nos conflitos territoriais entre os indígenas da etnia Kadiwéu e os Posseiros que ocupavam as terras intituladas devolutas na época. A pesquisa baseia-se em histórias orais registradas e transcritas, permitindo uma análise detalhada dos conflitos e suas repercussões. Utilizando a metodologia autoetnográfica e de história oral busca-se compreender como as experiências individuais dos envolvidos refletem os contextos históricos e sociais que moldaram a região.

A fundamentação teórica se apoia no conceito de "colonialidade do poder", de Quijano (2005), que evidencia como o racismo e a hierarquia social foram utilizados como instrumentos de dominação e acúmulo de poder. No caso de Morraria do Sul, a colonização reforçou desigualdade e legitimou a apropriação das terras indígenas por meio de ideologias que favoreciam os colonos.

A invasão de trechos das terras indígenas por posseiros e fazendeiros durante parte do século XX, notadamente entre as décadas de 1960 e 1970, justificou a realização de uma nova demarcação, atualizando a de 1899-1900. Com a instalação da Colônia Agrícola Bodoquena, nos limites da área indígena Kadiwéu, em localidade denominada Morraria, intensificou-se a intrusão de lavradores nas terras dos Kadiwéu. (Silva, 2014, p. 92).

Este estudo se baseia em um diálogo fundamental com obras que aprofundam a compreensão da história e dos conflitos da região, como as pesquisas de Aline Maria Muller, sobre as representações na mídia do conflito entre indígenas Kadiwéus e posseiros, e de Giovani José da Silva, que explora a memória e a identidade da Reserva Indígena Kadiwéu. Essas referências são essenciais para analisar as dinâmicas sociais e históricas em torno da

disputa territorial e para entender como as narrativas sobre esses conflitos foram construídas ao longo do tempo. O estudo, portanto, enriquece a compreensão do contexto local ao se apoiar em pesquisas que já mapearam as complexidades da disputa.

Além disso, a metodologia do trabalho se alinha à experiência etnográfica do século XX e às reflexões de autores como **James Clifford**, que discutem o tema "**A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA: antropologia e literatura no século XX**". O estudo reconhece que a história é construída a partir de vozes e perspectivas, e não apenas de fatos objetivos. Ao valorizar a história oral e o testemunho dos participantes, o trabalho adota uma abordagem que privilegia a subjetividade e a experiência vivida. Essa escolha metodológica dialoga com as teorias que criticam a autoridade do pesquisador e valorizam as narrativas dos povos estudados, garantindo que o conhecimento gerado seja respeitoso e representativo da realidade das comunidades envolvidas.

Por fim, este trabalho pretende evidenciar como a história de Morraria do Sul reflete uma problemática mais ampla, presente em diversas regiões do Brasil, onde a disputa por terras e a luta dos povos indígenas por reconhecimento e autonomia continuam sendo desafios centrais. Além de examinar os conflitos territoriais, esta pesquisa também busca compreender como os indígenas Kadiwéus ressignificaram sua luta ao longo do tempo, construindo novas formas de resistência diante das mudanças políticas e sociais. A valorização das narrativas orais e da memória coletiva se apresenta como um instrumento essencial para entender os processos históricos, oferecendo um contraponto às versões oficiais que, muitas vezes, minimizam ou distorcem suas narrativas.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICAS

A questão dos conflitos territoriais entre povos indígenas e posseiros têm sido amplamente debatida por diversos estudiosos. No caso dos Kadiwéus e dos posseiros do Distrito de Morraria do Sul, pesquisas acadêmicas e documentos históricos ajudam a compreender como esse processo ocorreu e quais foram suas consequências para as comunidades envolvidas nesse conflito. Para embasar esta análise, é fundamental recorrer ao conceito de "colonialidade do poder", desenvolvido por Aníbal Quijano (2005). Esse conceito permite entender como as relações de dominação impostas aos Kadiwéus não se encerraram com a delimitação da Reserva Indígena, mas continuaram por meio de invasões territoriais e disputas constantes pelo direito à terra.

Um dos estudos relevantes sobre o tema é o de Aline Maria Muller, intitulado "Índios Kadiwéus e Posseiros na Serra da Bodoquena: Representações na Mídia Impressa Acerca de um Conflito". Nesta pesquisa, Muller examina como a mídia retratou as disputas de terras entre os Kadiwéus e os Posseiros, destacando o viés colonial presente nas narrativas jornalísticas. O estudo evidencia como a opinião pública foi influenciada para minimizar os direitos indígenas, reforçando estereótipos e deslegitimando a luta dos indígenas por seu território.

Outro estudo essencial é o do autor Giovani José da Silva, intitulado "A Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): Memória, Identidade e História". Essa pesquisa demonstra que, apesar da oficialização da reserva, os conflitos por terras persistiram ao longo do tempo. A obra de Silva enfatiza como os Kadiwéus tiveram que desenvolver estratégias de resistência para enfrentar a pressão dos posseiros e a negligência do Estado. Ao analisar esses conflitos dentro de um contexto mais amplo, o autor revela como as disputas territoriais em Morraria do Sul estão inseridas em uma problemática nacional que envolve a luta dos povos indígenas pelo reconhecimento de seus direitos.

A presença dessa reserva na região tem sido central nas disputas territoriais e nas dinâmicas de poder que marcaram a história local, especialmente durante o processo de colonização do Distrito de Morraria do Sul. A relação entre os Posseiros e os Kadiwéus foi tensa, culminando em conflitos territoriais. Essas disputas são fundamentais para compreender o contexto histórico e cultural do distrito, que é moldado por essas interações e pelos acordos que definiram o uso e a posse da terra ao longo do tempo."A década de 1970 foi marcada por inúmeras invasões de posseiros, oriundos principalmente do Nordeste e apelidados em seu conjunto, pelos Kadiwéus, de 'baianada'" (Silva, 2014, p. 92).

Além disso, a pesquisa dialoga com autores que discutem a relação entre território e identidade cultural. No caso dos Kadiwéus, a luta pela permanência em suas terras representa não apenas a defesa de um direito legal, mas também a preservação de suas tradições, modos de vida e identidade ancestral. Esse aspecto pode ser observado na trajetória dos Kadiwéus, que, apesar de possuírem um território reconhecido, continuaram enfrentando ameaças e desafios impostos por grupos externos interessados em suas terras.

Dessa forma, a revisão bibliográfica sustenta a análise proposta neste artigo, demonstrando que os conflitos em Morraria do Sul fazem parte de uma história mais ampla de disputas territoriais no Brasil. O estudo das fontes teóricas, orais coletadas durante a pesquisa, permitiu uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelos

Kadiwéus. Mais do que uma luta pela posse da terra, trata-se de uma batalha pela preservação da memória, da cultura e da autonomia dos povos originários.

A valorização das narrativas da memória coletiva emerge como um instrumento fundamental para contestar as versões oficiais que, muitas vezes, minimizam ou distorcem a realidade dos povos envolvidos no conflito. Com base nessa perspectiva, este estudo busca contribuir para o entendimento dos impactos da colonização sobre os Kadiwéus, destacando suas estratégias de resistência e reafirmando a importância da luta indígena pela defesa de seu território.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na metodologia autoetnográfica, por compreender que o processo de investigação é indissociável da experiência vivida pelo pesquisador. Nesse sentido, a autoetnografia surge como uma ferramenta potente para refletir criticamente sobre os impactos históricos da colonização no Distrito de Morraria do Sul, região marcada por tensões fundiárias e pela resistência dos povos originários. A escolha por essa abordagem metodológica se justifica não apenas pela proximidade do pesquisador com o território e os sujeitos envolvidos, mas também pela necessidade de romper com modelos de pesquisa distanciados, muitas vezes descolados das realidades locais e de suas múltiplas vozes.

A construção de dados se deu por meio de entrevistas, realizadas com moradores do distrito, especialmente filhos de posseiros e lideranças da Aldeia Antonio Alves de Barros do município de Porto Murtinho MS. As entrevistas foram conduzidas com base em roteiros abertos, que permitiram aos participantes narrar suas memórias, experiências e percepções sobre os conflitos territoriais que marcaram a história local, particularmente aqueles ocorridos nas décadas de 1970 e 1980. A seleção dos participantes considerou critérios como a relevância histórica dos relatos, o envolvimento direto ou indireto com os conflitos e a diversidade de perspectivas, de modo a construir um panorama mais abrangente sobre as dinâmicas de ocupação, resistência e convivência no território.

Para garantir o direito ético da pesquisa, todas as entrevistas foram realizadas mediante o consentimento livre e esclarecido dos participantes, com respeito à confidencialidade e ao direito de anonimato, caso for solicitado. Os relatos foram gravados, transcritos e organizados em categorias analíticas, que possibilitaram uma leitura crítica e interpretativa das narrativas, valorizando as memórias coletivas. Essa etapa de análise foi conduzida com base em fundamentação teórica que sustenta a pesquisa, em especial o

conceito de "colonialidade do poder", elaborado por Aníbal Quijano (2005), que permite compreender como as estruturas de dominação e exclusão se perpetuaram historicamente através da apropriação dos territórios indígenas e da naturalização das hierarquias raciais e sociais.

Ao adotar uma perspectiva autoetnográfica, esta pesquisa também incorpora a experiência pessoal do pesquisador, enquanto sujeito historicamente situado e parte do contexto que investiga. Essa postura metodológica permite não apenas a aproximação com os participantes, mas também uma escuta sensível e engajada, capaz de reconhecer as marcas do passado na construção das identidades e memórias presentes. A vivência no território, o contato cotidiano com seus moradores e a identificação com as lutas ali travadas conferem à pesquisa uma dimensão ética e política, que busca valorizar o conhecimento local como forma legítima de produção científica.

Por fim, esta investigação pretende contribuir para o fortalecimento das narrativas dos entrevistados como fonte de conhecimento e resistência. Ao evidenciar as disputas territoriais em Morraria do Sul, insere-se no debate mais amplo sobre os conflitos fundiários no Brasil e as formas de invisibilização histórica impostas aos povos originários. Valorizar a memória coletiva e dar centralidade às vozes tradicionalmente silenciadas é um dos principais compromissos desta metodologia, que entende a pesquisa como instrumento de transformação social e de reparação histórica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Elaboração do projeto:

A elaboração deste projeto foi um processo meticuloso e colaborativo, desenvolvido em parceria direta com moradores do Distrito Morraria do Sul e lideranças da Aldeia Antonio Alves de Barros, reserva indígena Kadiwéu. O trabalho teve como eixo central a história oral, buscando resgatar as memórias da comunidade, e a análise do conflito territorial ocorrido na região durante o período de colonização. Essa abordagem singular garantiu que a pesquisa fosse fundamentada nas narrativas locais, com uma ênfase especial na perspectiva do povo Kadiwéu, enriquecendo o estudo ao trazer à luz histórias e ensinamentos que, de outra forma, poderiam permanecer silenciados.

A partir dessa valiosa colaboração e do foco nos eixos temáticos definidos, pôde estabelecer, de forma clara e objetiva, todos os seus elementos essenciais. Foram delineados os objetivos específicos a serem alcançados, a metodologia de pesquisa mais adequada para a coleta de dados, os conteúdos que seriam abordados em profundidade e os critérios de

avaliação para medir o sucesso da iniciativa. Essa metodologia assegurou que o projeto fosse não apenas academicamente rigoroso, mas também eticamente alinhado e profundamente respeitoso com as histórias e a identidade das comunidades envolvidas.

Escolha dos entrevistados: A Inclusão da Perspectiva Kadiwéu.

A escolha dos entrevistados foi um processo cuidadoso e estratégico, visando obter diferentes perspectivas e contribuições relevantes para cada tema abordado. Para garantir uma compreensão mais ampla do processo de colonização, das relações de poder e dos conflitos territoriais, a seleção foi baseada em critérios que permitissem captar experiências variadas e enriquecer o estudo.

Uma das prioridades foi a inclusão de moradores antigos que vivenciaram o processo de colonização. Essa abordagem permitiu uma análise aprofundada do contexto local, privilegiando os narradores das histórias contadas. Com o objetivo de valorizar a transmissão oral de conhecimentos, foram selecionadas pessoas reconhecidas na comunidade como guardiãs de histórias e ensinamentos tradicionais.

Crucialmente, a seleção buscou ouvir e analisar a versão dos povos indígenas sobre o processo de colonização. Para isso, foi essencial a entrevista com um historiador da etnia Kadiwéu, cuja narrativa enriqueceu a pesquisa ao trazer à tona histórias e ensinamentos que, muitas vezes, foram silenciados. A presença dessa voz contribuiu para o equilíbrio das perspectivas, promovendo a inclusão de vozes diversas e resgatando narrativas valiosas que refletem a cultura e a identidade da região. Em todas as entrevistas, foram consideradas questões éticas e de consentimento, garantindo a participação voluntária e o respeito às histórias e experiências de cada indivíduo.

Gravação:

As gravações desempenharam um papel fundamental, proporcionando a preservação e documentação das vozes, memórias e histórias dos entrevistados, bem como contribuíram para a construção do conhecimento e aprofundamento dos temas abordados. As gravações foram realizadas com colonos moradores do Distrito e liderança indígena Kadiwéu, buscando capturar suas histórias relacionadas ao processo de colonização do Distrito de Morraria do Sul e ao conflito territorial ocorrido no período de colonização. As gravações permitiram registrar os relatos dos entrevistados, suas experiências, percepções e vivências, enriquecendo o entendimento sobre esses eventos históricos e suas repercussões na comunidade.

A moderna história oral depende de recursos eletrônicos na medida em que estes se colocam como meios mecânicos para auxiliar não apenas a gravação em seu momento de realização, mas, sobretudo depois, quando se presta à fase de transposição do oral para o escrito. Uma das características mais evidentes da história oral remete à constante atualização dos meios eletrônicos usados. (Meihy; Holanda, 2015, p. 21).

As gravações foram direcionadas para registrar as vozes e histórias dos moradores antigos. Pois, permitiram explorar as expressões artísticas e cinematográficas presentes na comunidade, assim como suas visões e reflexões sobre a cultura, identidade e memória local. Além disso, os depoimentos contribuíram para a criação de um acervo de testemunhos e experiências que poderão ser acessados e estudados futuramente.

As gravações foram realizadas com os narradores das histórias contadas, visando preservar e transmitir essas narrativas tradicionais. Permitiram capturar as histórias, lições e ensinamentos compartilhados pelos entrevistados, contribuindo para a valorização da cultura local e o resgate de conhecimentos ancestrais. Esses registros têm o potencial de manter viva a tradição oral e servir como fonte de aprendizado e inspiração para as futuras gerações.

Durante as gravações, foram adotadas medidas para garantir o consentimento dos entrevistados, respeitar sua privacidade e preservar a autenticidade dos relatos. Também foram consideradas questões éticas e culturais, assegurando uma abordagem sensível e respeitosa em relação às histórias compartilhadas. Em suma, as gravações foram ferramentas essenciais para registrar, preservar e disseminar as narrativas, memórias e conhecimentos relacionados aos temas abordados, permitindo que essas vozes sejam ouvidas e perpetuadas ao longo do tempo.

Transcrição: do oral para a escrita.

O desenvolvimento da transcrição desempenhou um papel fundamental, permitindo a transformação das gravações em documentos escritos, facilitando o acesso e o estudo das informações registradas. Foi realizada a partir das gravações das histórias dos participantes. Esse processo envolveu a transcrição fiel dos relatos, respeitando a forma como foram expressos pelos entrevistados, incluindo pausas, entonações e expressões características. A transcrição permitiu a análise detalhada dos depoimentos, a identificação de padrões, temas recorrentes e a compreensão mais aprofundada do processo de colonização do Distrito de Morraria do Sul e do conflito territorial que ocorreu na região.

A partir das gravações das vozes, foi possível coletar memórias, histórias, cultura e identidade dos moradores antigos da região. Esse processo envolveu a transcrição dos relatos, discursos e diálogos presentes nas gravações, proporcionando um registro textual das

experiências e reflexões dos entrevistados. A transcrição permitiu a análise das narrativas, e a compreensão mais ampla da cultura e identidade local. “Nessa etapa, foram colocadas as palavras ditas em estado bruto. Perguntas e respostas foram mantidas, bem como repetições, erros e palavras sem peso semântico. Sons como o miado de um gato que estava na casa e o toque do telefone também foram registrados.”(Meihy; Holanda, 2015, p. 140).

A transcrição foi realizada a partir das gravações das histórias contadas pelos colaboradores, capturando as lições, ensinamentos e narrativas compartilhadas pelos entrevistados. Esse processo envolveu a transcrição das histórias de forma fiel, mantendo a estrutura narrativa e a oralidade presente nas gravações. Através da transcrição permitiu a preservação e a disseminação dessas histórias, possibilitando análise, estudo e apreciação como parte da tradição oral e cultural do Distrito de Morraria do Sul. Foram realizadas com rigor e precisão, respeitando a fidelidade aos conteúdos registrados nas gravações. Foram adotadas técnicas e convenções de transcrição apropriadas, como indicar pausas, entonações, repetições e expressões emocionais, a fim de preservar a essência das narrativas e garantir uma interpretação adequada.

Em resumo, a transcrição das gravações desempenhou um papel fundamental, possibilitando o acesso aos relatos, permitindo a análise e o estudo mais aprofundados das informações, e contribuindo para a preservação e disseminação das vozes, memórias e histórias relacionadas ao processo de colonização do Distrito de Morraria do Sul.

Textualização:

A textualização é o processo de escrever em história oral, realizando as correções necessárias na língua portuguesa no texto após a transcrição da gravação. Nesse processo, são feitas modificações nas palavras que foram ditas de uma forma pelo entrevistado, sem alterar o sentido, apenas ajustando-as ao uso da língua portuguesa. A textualização tem como objetivo facilitar a leitura do texto, aplicando as correções ortográficas e acentuações necessárias para refletir o tom da fala ao pronunciar corretamente, seguindo a mesma lógica da escrita com a pronúncia. “Nessa fase foram eliminadas as perguntas, retirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico. Os sons e ruídos também foram eliminados em favor de um texto mais claro e liso.” (Meihy; Holanda, 2015, p. 142).

Transcrição:

A transcrição é a etapa que confere sentido às narrativas da história oral, transformando o texto por meio da interpretação do interlocutor. Nesse processo, busca-se manter a coerência do texto com a fala dos entrevistados, conforme foi dito, preservando a

originalidade e fluidez da gravação. É essencial compreender, passo a passo, na hora de criar o texto, de modo a evitar confusão para o leitor durante a leitura.

A transcrição surge da necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura. Na transcrição literal há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistando ou pela qualidade da gravação; há muitas palavras e expressões utilizadas incorretamente, devido à própria dinâmica da fala, da conversa informal — que é o que tentamos fazer das entrevistas. Há estrangeirismos, gírias, palavras chulas, ou seja: termos que são bastante distintos quando falados ou escritos. (Meihy; Holanda, 2015, p. 156).

A transcrição é uma etapa essencial na metodologia da história oral, pois é por meio dela que se transforma a linguagem falada dos entrevistados em texto escrito, conferindo sentido às narrativas. Diferente de uma simples transcrição literal, a transcrição envolve a interpretação cuidadosa do pesquisador, que deve manter a fidelidade à fala original, respeitando os modos de expressão, a estrutura narrativa e os sentidos atribuídos pelos sujeitos. Esse processo exige atenção à coerência e fluidez do texto, garantindo que o conteúdo seja compreensível ao leitor sem comprometer a autenticidade da fala registrada.

Conclui-se, portanto, que a transcrição é mais do que uma técnica: é uma forma de escuta ativa e de valorização das vozes populares, permitindo que as memórias coletivas se transformem em registros significativos e acessíveis, sem que percam a essência da narrativa.

HISTÓRIA ORAL: Ernestina Oliveira Moura



Foto do autor

No dia **31 de maio de 2023**, foi realizada uma entrevista gravada com a **Dona Ernestina Oliveira Moura**, carinhosamente conhecida como **Dona Tereza**. Esse encontro proporcionou um vislumbre valioso da história e das transformações da região da Morraria. A ideia de convidar Dona Ernestina para o projeto surgiu após a elaboração de um roteiro escrito com os estudantes do ensino médio para o projeto da Unidade Curricular **Territorialidade e relações de poder**, disciplina ofertada no novo ensino médio. No entanto, ao fazermos o convite inicial, ela recusou, preocupada com o possível envolvimento de outras pessoas em sua história. Retornamos à escola um tanto desanimados, mas deixamos o convite em aberto. No final do dia, Dona Ernestina me ligou para justificar sua recusa. Expliquei a ela a **importância de registrar sua história para as futuras gerações**, e após uma longa conversa, ela finalmente aceitou. Para reforçar a seriedade e o impacto do projeto, pedi à diretora Kelly Gisele Ramalho, responsável pela direção da escola, que também conversasse com Dona Ernestina, explicando a relevância de sua participação. Para o fortalecimento do projeto na gravação das entrevistas, contamos com a presença e apoio do **Professor Bruno Bazachi de Carvalho** e de **Antônio Matias da Silva**, que nos auxiliaram com as gravações e fotografias. Durante o depoimento, Dona Ernestina compartilhou suas experiências e memórias sobre o período de colonização da região, destacando as **dificuldades enfrentadas no passado**, os **conflitos entre indígenas e posseiros**, as **transformações ao longo dos anos** e sua firme **decisão de permanecer na comunidade**. As entrevistas foram posteriormente transcritas pelos estudantes, sob minha orientação, consolidando um registro fundamental da história local.

Ernestina Oliveira Moura

Cheguei em Morraria em 22 de fevereiro de 1973. Naquela época, eu não vim a pé, mas sim de carro, pois já existia uma estrada para veículos. As pessoas que vieram a pé para esta região foram: o pai do Trindade, meu tio o compadre João mais a comadre Fica. Na época de 1973, as estradas já permitiam que os carros circulassem tranquilamente. No entanto, a Morraria foi fundada em 1965. O compadre João, junto com a comadre Fiica, saíram da colônia Taquaruçu antiga fazenda chasca, onde me criei e vieram a pé até a região de Morraria. Nessa época, havia apenas um bebê com eles. Portanto, vieram para o local onde atualmente está localizada a colônia Bandeirante, que ainda existe hoje em dia.

Eu vim para Morraria, com vinte e sete para os vinte e oito anos. Na época, eu já tinha três filhos. Casei em 1965 e cheguei à Morraria 1973, com os meus três filhos: a Nair com sete anos, a Nadir com seis anos, e um que mora em Campo Grande, o Edson ia fazer três anos. Aqui em Morraria, vivemos tanto os bons tempos quanto os maus tempos. A Nair estudou neste lugar, desde a primeira série, na época não tinha pré-escola, até a oitava série porque não tinha o nono ano.

Todos meus filhos estudaram na Morraria. Porém, naquela época, não existia o prédio da escola que temos hoje. O atual prédio foi construído em 1980, se não me engano. Antes disso, tínhamos uma escolinha ao lado da casa do Roberto, naquele pátio. Como havia muitos alunos na região, eles eram distribuídos em diferentes casas. Onde é a casa da Sandreia, era uma escola perto do pé de manga. Hoje em dia onde mora o Ezequiel, aquele rapaz, que comprou a casa da dona Natália, lá era outra escola. Virando para o lado da quadra perto do posto de saúde, também tinha uma casa que era escola. Portanto, era um pouco de aluno em cada lugar. Na época, o prefeito de Miranda, Dr. Elias Carneiro de Arruda, foi responsável pela construção da escola, que posteriormente foi inaugurada em 1980.

Naquele tempo, não tínhamos transporte disponível para os alunos. Atualmente, as pessoas que moravam na minha chácara, que fica a um quilômetro de distância, não conseguem vir para a escola devido à falta de transporte. Antigamente, as pessoas faziam esse deslocamento a pé para chegar ao local, descendo até a chácara do pai do Tonho, bem depois onde mora a Maria, e até mesmo onde é o seu Zé Carlos, um pouco mais adiante. Inclusive, morava lá uma cunhada da Isabel do Trindade, eles vinham a pé. Eles eram muito tímidos e vinham cedo. O caminho pelo pasto era assim de capim colonião, todos tinham que vir agachados para evitar se molhar.

Mas agora, nos dias de hoje, se o transporte escolar não for buscar, não é permitido que venham a pé para a escola. Na minha chácara, morava gente que fazia isso, se quisessem estudar era o único meio, tinham que vir a pé. Depois, eu me mudei para Morraria, deixando a chácara para trás. Meus filhos já estavam todos estudando, e eu precisava trabalhar na roça. Hoje em dia, vejo as pessoas atrás de programas sociais, buscando ajuda, mas naquela época isso não existia.

Eu criei meus cinco filhos trabalhando na lavoura, e eles iam comigo para a roça. Se hoje tem professora formada e funcionários do Estado e da prefeitura, eles levantavam às cinco da manhã, ia para a roça, tirava leite para mandar para a Morraria e depois ia para a escola. A Nair e a Nadir estudavam em turnos diferentes, uma de manhã e outra à tarde, pois haviam mais dois filhos pequenos. Depois, as coisas foram se ajeitando e todos passaram a estudar no mesmo período. Não almoçava em casa, o almoço estava no topo da serra. Meus filhos chegavam da escola, tiravam aquela roupa e penduravam, pois só tínhamos uma; e vestia aquela feita de sacos e pano de chita de fazer vestidos de quadrilha, e íamos para a roça almoçar.

Meus filhos nunca ficaram na rua. Eu nunca cheguei aqui na morraria e alguém me falou que o filho de Tereza, tinha machucado a cabeça de alguém. Ninguém nunca chegou na minha casa reclamando dos meus filhos se haviam atirado uma pedra. Aquele negão que mora em Aquidauana, todo mundo conhece? O Cícero de Moura, ele costumava ir para a roça desde pequeno, não para trabalhar, mas para ficar debaixo das bananeiras e dos pés de mandioca em cima da serra, até de tarde.

Naquela época, eu não tinha marido, ou seja, não tinha alguém para ajudar a plantar arroz, milho ou feijão para comermos. Tínhamos que plantar para colher, comer, vender e comprar coisas básicas como um chinelo ou uma roupa. Naquele tempo, não havia emprego. Quando fundaram a escola, a Dona Dorothy foi diretora por um tempo. Ela me convidou para trabalhar e eu aceitei. Trabalhei por dois dias, mas depois falei para ela que não continuaria. Eu disse: "Eu tenho cinco filhos". Naquele tempo não era como nos dias de hoje. Se não saísse o pagamento, ninguém ia trabalhar por três ou quatro meses na prefeitura, no estado, ou onde fosse, para receber apenas um mês. Eu falei: "Como vou dar comida para meus filhos? Deixá-los aqui na rua? Não, o salário era aquela enrolação e não saía. Agora depois de um tempo está tudo certo. Naquela época, o salário atrasava dois, três meses, nem sabíamos quando seria pago. A história foi difícil!

Eu vim para a morraria nessa época, em 1973. Mas já tinha muitas coisas aqui. Desde o pai do Trindade, o compadre João, e outros que não foram os primeiros, já tinha gente que

também tinha vindo, o Trindade vai contar melhor esta história. Não vieram para fundar, os que vieram mesmo para cortar lote, pegar a foice e o sapicuá do lado, foram o pessoal da dona Natália! Muitos vieram de Bonito! O sogro do compadre João, chamado seu Gracindo, foi um deles que veio aqui para abrir a picada e marcar os lotes, o pai da comadre Fiica.

Ele ganhou a posse, mas a mulher dele disse que não viria para Morraria. Ela não viria, nem mesmo se fosse cortada em pedacinhos e colocada em um saco, ela não era doida. Então, ele disse à comadre Fiica, que já estava morando com o compadre João; e só tinha um filho: "Se você vier cuidar dessa posse, eu te dou o lote". Então eles vieram a pé olhar; depois voltou e ficou. Até hoje eles têm a terra. Outros vinham por Olicio Corumbá, mas quando cheguei aqui já tinha uma estrada ruim, mas os outros vieram assim...

Eu cheguei no município de Bodoquena em 1957 do mês de setembro. Eu ia fazer dez anos em novembro. Vendíamos os produtos da roça aqui mesmo para o seu Zé Pretinho, que era esposo da Dorothy, que comprava a mercadoria. Também tinha o seu Brás que comprava, tinha o Góes, o falecido Marinho, o Zé Sabino. Essas vendas eram feitas aqui mesmo, as pessoas que mencionei levavam a carga, só que vendíamos tudo. Juntava uma carga para Campo Grande e Corumbá, os compradores brigavam pela compra do feijão. Já estavam brigando, mesmo o feijão estando na roça "não deixa para mim" ou "deixa para mim". Alguns deles passavam com o caminhão pelo meio da roça por cima do feijão para andar mais rápido, com balança e tudo, hoje em dia tudo acabou. O arroz era a mesma coisa, o milho também. Agora não tem mais!

Esse surto ocorreu em 1985 depois em 1986, não sei bem, começaram a tirar as pessoas das terras ocupadas. Mas foi algo em torno de 1980 a 1985 a fase da lavoura. Foi muito forte, desde daqui até a Colônia Preta. Os produtos variavam, mas o que tinha mais saída era o feijão e a banana. As pessoas cortavam cerca de dez mil milheiro de banana por mês. A energia era um lampião de querosene, ninguém havia pensado nisso ainda. Naquela época demorou muito para chegar a energia.

A construção era toda de tábua, a primeira construção de material que foi construída foi o finado Zé pretinho que construiu, o marido da Dorothy em 1976. Cheguei em 1973 e em 1976 ele construiu. Outros mudaram de lá pra cá, meu pai mesmo, morava no Taquarussu, ele trouxe tudo até a telha da casa de caminhão. Agora as primeiras casas construídas eram de palha e tábua mesmo. A energia chegou no meado de 1980 para 1990. Demorou muito tempo para chegar. A água foi a pior," foi um Deus que nos acuda" para abastecer. Quantos anos passaram as pessoas daqui indo em Campo Grande no governo, foram se muitos anos! Daí que fizeram o encanamento, na época que o finado Pedrossian foi candidato, ele não ganhou

as eleições mas fez o encanamento todo como havia prometido. Porém tinha um problema, não achava o lugar da água.

No entanto, quando veio a água eles conseguiram abastecer toda a morraria, os encanamento não tinha mais nem aqueles cavaletes. Muitos lugares já foram enterrados e acabados, mas só que o encanamento é daquele tempo até os dias atuais. Muitas das vezes estoura, porque eles são muito velhos desde a fundação. Na época da política, os políticos não eram como antigamente, eles iam fazer muita coisa e começavam a obra e não acabavam. A luz veio primeiramente do motor a diesel, ligava às 6 da tarde às 11 da noite desligava, depois foi que veio a geral. Mas assim tava bom demais! Aí veio colocando todos os padrão para a gente pagar. Teve pessoas que não deixou colocar na propriedade, por que se colocasse tinham que pagar. Lembro de um vizinho meu que não deixou, mas um dos filhos deles que morava em Campo Grande falou: vou colocar e pagar para a minha mãe usar.

No entanto, as pessoas simplesmente mudam sem nenhuma necessidade. Quando nós estávamos em Taquaruçu, acabou a colônia do Escondido no Salobra e o pessoal foi embora todos para Rondônia. “Foi com caminhão, voltaram com o saco para trás” o povo é meio doido! Então aqui tinha gente na chuvarada e no Tarumã, esse mundão aqui da região do córrego do ouro. Essas regiões estavam todas cheias de gente. Aí o pessoal falou que estas terras eram deles, dos índios, onde eles começaram a matar as pessoas e botar fogo nos barracos. Os índios acabaram entrando em confronto com esses posseiros.

Os pessoal foram desanimando e subiram aqui para cima na parte alta da Morraria. Onde veio o Marcelo Miranda e arrumou para essas pessoas mudarem para Nioaque. Nessa época existiam mais de cinco mil famílias daqui à colônia Bandeirantes e Tarumã. Quando inaugurou a escola aqui em 1980, tinha três períodos de aula, não tinha a nona série, era da primeira até a quarta série. A Nair mesmo fez até a quarta série, pois não havia o nono ano e o primeiro ano do ensino médio, então ela teve que fazer o magistério. Não tinha o terceiro ano. A Nair passou no concurso de professora com a oitava série. Na época, podia fazer, devido também à necessidade de professores para atender a população.

Era gente, daqui até chegar em Bandeirante e Tarumã. Bandeirante era muito mais povoado do que Morraria hoje em dia. Onde mora a Neuza, ali naquele trecho, aos domingos eu ia na casa do meu tio que morava na colônia e tocava um boteco. Era lotado de gente para brincar mesmo; jogar maia, jogos de futebol. Indo para o Tarumã onde hoje mora seu Danda, aquela região por lá era um patrimônio de gente. Tinha bar e tinha de tudo. Quando eu vim para essa região já tinha uns mercadinhos, não tinha posto de saúde. Se precisasse de medicamento naquele tempo, era permitido vender remédio no boteco, como melhoral

infantil, dipirona e essas coisas. Era tudo vendido no boteco. Mas o povo de antigamente não morria como os de hoje em dia, era mais duro de morrer, era mais forte. Hoje em dia o povo não aguenta uma dor de barriga e já chega bem ali morreu. Antigamente não era fácil morrer. Colocava-se numa carroça em Bodoquena e levava-se até Miranda.

Temos um posto policial que hoje já não funciona mais. Mas já teve policiamento, mas isso foi bem depois, no começo não tinha. Demorou a chegar, era a terra sem lei. Quem fazia as leis era o dono da terra, não tinha briga, até hoje aqui não existe essa coisa. Não tínhamos policiamento e quando parecia policiamento, se eles iam socorrer, faziam era atrapalhar. Porque o povo tinha medo! O Chila mesmo, vocês sabem quem é o Chila? A polícia matou o irmão dele ali, virando a esquina. Ele era meio especial, tinha medo da polícia.

A polícia chegava de surpresa, de vez em quando que ninguém esperava, igual chuva de verão, e ele estava ali e ele correu. A polícia deu um tiro nas costas depois que eles falaram: "não, porque ele correu, ele achou que ele devia alguma coisa". Ele se assustou. Não tinha isso não, depois de muito tempo que veio policiamento pra cá, o César foi o primeiro policial da delegacia na casa onde hoje é da Nair. Da Silva, saiu da escolinha e veio pra cá e ficou bastante tempo, foi, voltou, foi, voltou. O César também foi, voltou, e outros foram embora: o Ramos, o Chagas, o Machado, o Sargento Almeida e o Cabo Roberto.

O córrego da maconha era um riozão! Infelizmente, eu tenho minha chácara ali perto de onde plantaram a maconha. O que aconteceu é que veio um homem passear aqui e chegou em Dourados e falou que veio para uma terra muito difícil onde ninguém vinha, que era um lugar bom para plantar maconha, porque ninguém vinha aqui nesse lugar. Aí o cara acreditou, veio e plantou aqui embaixo, onde é a chacara do Zelão, fazendo divisa com a minha. Ele plantou, pegou e foi vender. Levou para Aquidauana e foi procurar comprador, ele achou o comprador, que na verdade era a própria polícia. A polícia veio aqui e arrancou, o cara falou: "eu ganhei uma semente, se acontecer alguma coisa eu não vi nada". E também fiquei sabendo que ele não falou nada. Mas ele foi vender, dava dinheiro, só que ele foi vender errado.

Antigamente chovia mais, esfriava muito e havia muita neblina, às vezes durava mais de quinze dias com aquela garoa intensa, aquela neblina densa que não se enxergava um palmo à frente. A estrada era muito ruim aqui na chácara, não era fácil lidar com essas condições. Hoje em dia, as coisas são diferentes. Temos de tudo, mas antigamente não tínhamos nada. Um dia minha netinha me chamou para uma entrevista na escola dela, e uma

menina perguntou se existia celular naquela época. Onde se comprava um skinny? Naquele tempo não havia fábricas de skinny no Brasil, ninguém sabia o que era isso.

As roupas eram feitas por costureiras. Todo mundo sabia costurar. Cada um se virava como podia, não era como hoje em dia. Tínhamos apenas tecido para comprar. Comprávamos tecido do João, o japonês. Ele vendia tecidos e trazia de São Paulo. Então, não compramos pronto, e confeccionava, até as mães faziam, eu mesma costurava quando minhas meninas eram pequenas. Hoje em dia não compensa mais comprar pano, as costureiras não ganham mais dinheiro, porque a gente entra na loja, experimenta a roupa no provador e já sai de lá vestido.

O que marcou mais foi o conflito violento entre os índios e os posseiros. Nesse conflito, muitas pessoas foram obrigadas a sair e abandonar tudo. Subiam e eles matavam, foi um período muito violento. As pessoas eram arrastadas mortas para demonstrar quem eram mais bravas que os outros, então matavam e saíam arrastando. Havia muitos fazendeiros ricos naquela região no meio desse conflito, todos saíram, e foram embora. Por causa disso, a Morraria acabou, muita gente não quer mais vir para cá por causa desse ocorrido que aconteceu aqui, pois muitos perderam pessoas da família.

Muitas pessoas da região de Dourados compraram terras aqui embaixo e acabaram perdendo tudo. A vida da gente é melhor! Eles tomavam as coisas, principalmente animais. Às vezes, se você tinha um ou dois cavalos, eles vinham e tomavam na sua cara e você não podia fazer nada. Mataram algumas pessoas, principalmente lá embaixo da serra. Esse conflito deixou marcas profundas. As pessoas foram embora, alegando que perderam filhos, tiveram medo e decidiram partir, deixando alguns amigos para trás. Foi quando Marcelo Miranda levou essas pessoas para Nioaque. Esses períodos de conflito duraram bastante tempo, não foram passageiros. Eles davam uma trégua por um tempo, mas depois voltavam de novo.

Alguns eram muito teimosos e diziam: Não vou deixar minhas coisas, minha casa, meu gado. Inclusive, teve uma mulher muito amiga da esposa do Trindade, eles moravam bem na direção do cemitério e eles tiveram que fugir. Tinham lavouras, mas devido ao ocorrido, vieram para cá, montaram casa aqui e ficaram. Aos poucos, foram colhendo a lavoura. Um dia, a mulher desceu com dois ou três filhos para colher, parece que era mamona. Os cachorros latiam e ela achou que era um animal, então um dos filhos foi ver o que era que o cachorro estava latindo e só ouviu o tiro. O outro filho estava perto e ela disse: "Não vai, meu filho, são os índios." Isso aconteceu bem na serra, subindo para o cemitério. A

mulher só aguentou chegar perto do cemitério e ela caiu, não aguentou de medo, dor e foram pedir ajuda para ela aqui.

Naquele tempo, a Polícia Militar não descia, só a Polícia Federal. Se acontecia alguma coisa, você tinha que ficar lá morto até que alguém fosse até Aquidauana. Naquele tempo não existia telefone. Para descer a polícia militar, tinha que ser acompanhada pela polícia federal. Hoje em dia, os policiais já descem, mas naquele tempo não desciam. Eles não entravam, tinham medo dos índios. Até hoje ainda existe esse medo. A demarcação é deles, ninguém tira essa terra deles. A marcação é a mesma até hoje, não foi alterada. O que está para lá é deles. Inclusive, o Roberto tem uma parte que está dentro da terra deles. O Roberto que vocês conhecem, cunhado do Zé Campão, perdeu metade de suas terras. Ele não ia ficar lá dentro para brigar, pois eles iriam matá-lo. Vocês não viram a fazenda Petrópolis que era do Pedrossian? Eles foram lá e tomaram em Miranda.

A maioria das pessoas que habitavam essa região veio de Dourados e Fátima do Sul. Por exemplo, o Pedrinho é do Ceará, e eu sou da Bahia, mas já estávamos aqui na região. Principalmente gente de Fátima do Sul e Dourados vinha bastante para Morraria. Eles vendiam suas posses e aqui embaixo compravam por um preço mais barato. Mas o pai dele e outros não compraram as terras aqui embaixo, compraram em cima da serra.

Agora, muitos vieram comprar e acabaram perdendo. Quem comprou lá embaixo, todos perderam, não houve acordo. Também houve ameaça dos índios de invadir o patrimônio e a população toda ficou com medo. Mas não vieram, eles até hoje são difíceis. Lá embaixo são piores ainda, mas aqui em cima não. E um dos lugares que acabou acolhendo essas pessoas que vinham da desocupação foi a escola, e outros iam para as chácaras dos parentes e vizinhos. Alguns conseguiram morar aqui por um bom tempo até que o Marcelo Miranda arrumou as coisas em Nioaque.

Porém esse conflito não durou apenas dois meses e acabou, durou bastante tempo. Eles ameaçavam, depois sumia e aos poucos as pessoas iam desocupando as terras e eles desapareciam. Eu tenho uma filha que até hoje não gosta nem de falar sobre esse assunto. A maioria desse conflito foi causada pelos fazendeiros, que incentivaram os índios a expulsar as pessoas, pois assim podiam alugar as terras para pastagem. Os índios recebiam armas, boas armas, e até hoje eles têm algumas marcas dessas armas. Sempre que eles se envolviam em brigas entre si, chegavam a matar com machados. Um dia, enfiaram um machado na barriga de um deles, e o César teve que ir lá e retirá-lo. Ou seja, eles não podem mais fazer isso agora, hoje estão mais civilizados. Não foi bonito para quem morava aqui, mas aconteceu.

Foram saindo aos poucos as pessoas, eu lembro que quando as aulas começaram, tínhamos três períodos na turma. A população diminuiu por causa disso. E aí não tínhamos água nem luz. Sem luz, como teríamos água? Hoje em dia não posso nem lavar as mãos no córrego, pois tem micróbio. Mas antigamente bebia-se água do córrego os alunos da escola. Quem carregava a água em uma carroça era o tio do Antônio. Levava para os alunos beberem e para a cozinheira fazer a comida, lavar a sala e jogar água nos vasos com um balde. Hoje em dia, basta dar uma descarga e se alguém esquece, já chamam o professor reclamando. Era uma funcionária, inclusive a esposa desse Adalberto. Essa água era levada, ficava nas caixas, e ao amanhecer, quando eram sete horas, o Zeca já estava na carroça carregando água.

Depois foi furado um poço ali onde mora o Elói, no tempo do seu João Barbeiro. Pegava aquela água do córrego e levava para uma caixa separada, para a merendeira colocar nos filtros, esse de antigamente. Colocava-se para beber, cozinhar, para fazer tudo, era tudo da água do córrego. E quando chovia, tinha que levar a água suja do mesmo jeito. O que mais poderíamos fazer? Graças a Deus, não tenho nada! E era desse jeito. Quando inauguraram a escola, não tinha nada disso. Só tinha água e no vaso sanitário, jogava-se a água com um balde, você consegue imaginar? E as pessoas faziam isso para ganhar dinheiro, hoje em dia, a criança já vai lá na sala e já faz um escândalo se o colega não dar descarga.

Não foi fácil quando as primeiras pessoas vieram. Quando eu vim, já existia uma estradinha, meio precária, mas existia. Essa estrada foi feita entre 1969 e 1970. Antigamente, o pessoal ia fazer compras a cavalo. O pai do Trindade mesmo colhia a roça para vender. Naquele tempo, ele levava tudo a cavalo para Bodoquena e deixava lá, até levar tudo para Miranda. Ficava todo mundo alegre. Hoje em dia está muito bom, mas naquele tempo era bem difícil. Quando seus pais mudaram para essa região era difícil. E para deslocar de Bodoquena até Miranda, era bem pior.

No tempo das chuvas, a água chegava até aquela ponte perto do quartel de Miranda. Eu passei de canoa, até perto do fórum. De onde eu vim, passei com água acima dos pés, era em setembro. A água estava naquele local e eu vim a pé de Miranda a Campina. Eu e muita gente, todos nós viemos juntos. Naquele tempo, quando eu vim, não existia Morraria, mal chegava até o Salobra. Na região do rio Salobra, tinha terra para chegar e cortar. E aí ofereceram para meus pais, tirar a posse. Não sei se era deste lado do rio ou do outro lado. Então minha mãe falou: eu não quero, porque lá tem o rio e aquele rio vai dar maleito e vai matar essa menina, que era eu. Eu tinha maleito, e ela falou que não queria, então nós ficamos.

Depois fomos para o Taquarussu e moramos no assentamento Campina, onde é o colégio. Depois de um tempo, descemos novamente para o Taquarussu e de lá viemos para Morraria. O pessoal começou a vender suas propriedades, um foi vendendo e o outro foi vendendo. Não sabiam para quem vender, depois venderam tudo para o Pedrossian. Venderam tudo mesmo! E aí depois meu pai veio e comprou aqui, porque estava no foco da Morraria naquele tempo. E a gente vivia da roça, a terra era nova e boa. Se plantava um litro de feijão, colhia-se um saco. Banana, minha nossa senhora! você via esse morro todinho, era só banana. Plantava-se só banana maçã, não era nanica.

Quando chegava na época da chuva, perdia-se banana, porque os caminhões não entravam, atolavam todos no Salobra, não tinha como vir pegar. E aí as pessoas falavam para o povo pegar banana e falavam: não corta o cacho, só balance o pé, quem sabe amanhã dá para passar o caminhão. Assim mesmo, onde é a chácara do Roberto, foi um brejo. Colhia-se lá e trazia tudo na carroça até aqui em Morraria. Um dia mesmo subindo bem ali, não tem aquele pé de pau ali descendo a serra, um dia um caminhão com 20 mil milheiros de banana afundou no olho do boi. O caminhão atolou grande, mas o povo sofria, mas fazia.

Agora nós viemos em 1973 por causa da lavoura. A terra é muito boa, produzia bastante. Tudo que você planta, você colhe. E a gente vivia daquilo, não tinha outra alternativa. No meu caso, não tinha estudos, não tinha marido, não tinha outra opção. Meus pais vieram e eu vim também, e criei meus filhos aqui. Trouxe três comigo e achei que a carga estava pouca, três é ímpar. Eu queria par, mas ficou ímpar do mesmo jeito, porque de três foi para cinco. Aí falei: agora lascou-se, de três foi para cinco. Vamos tocar o barco! Eu nunca saí daqui, desde 1973 e nunca mais me mudei.

Meus filhos foram para a cidade, tem dois em Bodoquena, um em Anastácio e outro em Campo Grande. Só a Nair que mora aqui em Morraria. As coisas foram melhorando na roça, eu vou ficar aqui. Meus filhos disseram: "Você é doida se for para viver só disso aqui". E foram saindo. E eu falei: "Não tem para onde eu ir, vou ficar aqui mesmo, vou ficar aqui". Meus pais têm uma chácara e eu fiquei por aqui. Agora não tem mais lavoura, nem se você plantar tem como vender. Porque hoje em dia tem uma democracia muito grande, as leis funcionam só para os grandes.

Antigamente, você fazia farinha e levava naquele campão e vendia tudo naquele boteco. A farinha estava lá, o copo estava lá. "Me dá dois quilos de farinha, ponha no saco", pesava e ia embora. "Me dá dois quilos de feijão, eu quero dois quilos de açúcar." As abelhas estavam todas em volta, e ficava batendo nas abelhas para pegar o açúcar que ficava naquele saco de pano, que vinha antigamente. Hoje em dia não compensa você plantar, porque não

tem venda. Só se for vender em casa. Naquele tempo, colhia-se feijão, o comprador já ia na roça e passava o dinheiro e acabou. Hoje virou a pecuária de gado.

HISTÓRIA ORAL: Trindade Pereira dos Santos



Foto do Autor

No dia **7 de junho de 2023**, foi realizada uma entrevista gravada com o **professor Trindade Pereira dos Santos** na sala da extensão da Escola Estadual Joaquim Mário Bonfim, em Morraria do Sul. Essa iniciativa surgiu a partir de um **projeto escolar do Novo Ensino Médio**, focado na unidade curricular "**Territorialidade e Relação de Poder**", que exigia o desenvolvimento de um projeto que envolvesse os alunos(as) em atividades na comunidade. Juntamente com os estudantes do ensino médio, foi proposto que nós gravámos os depoimentos dos moradores antigos da região, através de seus depoimentos sobre o como ocorreu o **processo de colonização do distrito de Morraria do Sul**. O professor Trindade Pereira dos Santos aceitou prontamente o convite, vindo até a extensão da escola para compartilhar sua rica história vivida no distrito. Durante o encontro, ele trouxe memórias e relatos que enriquecem a compreensão da história local, abordando **conflitos territoriais**, as **transformações da região** e as **vivências da comunidade** ao longo do tempo. Seu depoimento é uma valiosa fonte de informações, resgatando eventos significativos e lançando luz sobre as dinâmicas sociais e culturais da região, consolidando sua importância na **preservação da memória coletiva de Morraria do Sul**.

Trindade Pereira dos Santos

Todo lugar para surgir no espaço e no tempo ele necessita de ser explorado. Então Morraria não foi diferente. Morraria nos anos 1965, veio um senhor para cá com a intenção de colonizar. Os pensamentos dele eram obter um pedaço de terra. E talvez ele criasse alguma Fazendinha para ele. Porque ele viu no mapa, não havia ocupação de pessoas. Mas era terra devoluta, bem entendido. São 2.000.000 hectares de terra que tem aqui em cima. Então essa terra, não tinha proprietários. Nós temos as fazendas para lá e pra cá. Porém, alguém mostrou esse mapa e ele fez a leitura. Era muito inteligente, era um jovem já maduro, um senhor entre 30 a 35 anos, ele tinha muita força física. Ele entendeu e investiu em conhecer isso aqui e vir para a região. Vocês imaginam a dificuldade?

Então, ele não veio para Morraria em um dia. Foi um dia que teve que gastar, parece quase uma semana, ele teve que vir com machete, com um facãozinho, e a farofa dele. Dormia nos paus, na rede arriscando a vida, mas chegou aqui e encontrou isso. Só que depois que ele encontrou esse lugar, ele trocou ideia com outro. Aquele outro também pensou que iria ficar sozinho. Então apareceu outro companheiro: Oderi Ferreira Gonçalves. Esse mês, agora de fevereiro, eu estive com as irmãs dele em Campo Grande, a Inês e a Lúcia. A Lúcia não está andando mais, está bem velhinha. Até esses dias a gente se encontrou, ficamos lembrando coisas do Oderi.

Porém conversando, ele arrumou um amigo chamado João Mota. Esse senhor, ficou aqui em Morraria e João Mota ficou no Bandeirante. Quem conhece o Bandeirante aqui? Então foi para lá. João Mota trouxe esse senhor, que morou aqui e foi guarda da escola, fugiu o nome da memória. A mulher dele está com 100 anos, está entre a vida e a morte em Bodoquena. Foi um trazendo o outro, e foi falando, convidando e já não virou uma fazenda. Ao invés de se tornar uma fazenda, virou o quê? Uma área de colonização. Esse é o ano que a gente remonta 1965, 1966 e 1967.

Quando foi em 1968 eu disse para vocês ontem, sobre o cenário político no Brasil. Onde se falava muito da ditadura, aquela questão de direta já. Mas a ditadura estava em pleno exercício até porque a ditadura militar surgiu em 1964 e acabou em 1980 e alguma coisa. Nas diretas já, do presidente do Senado e do Congresso Luiz Guimarães. Vinte anos depois veio acabar, mas vamos lá no início. Os governadores eram nomeados e haviam política, mas eram na maioria da vez indicados por indicação.

Houve aquela eleição, por Mato Grosso, onde eu disse que Campo Grande não era capital, eu me lembro quando Campo Grande virou capital. No entanto o Pedro Pedrossian, veio de baixo para cima, era um operário e cresceu. Foi operário da Ferroviária a Noroeste do

Brasil, que era o meio de transporte do Leste para o Oeste. Enfim, boa parte do Brasil cobrindo São Paulo, Paraná e outras partes. Essa linha de ferro aqui, o Pedrossian que construiu. Ele construiu um currículo de trabalho e então ele resolveu empreender na política.

Lúdio Coelho, naquela época era um grande latifundiário. Então, o rico disputou com o pobre. Eu assisti o comício dos dois, estou falando isso para entrar na Morraria. Num contexto dessa conversa, o que é que acontece! Ele prometeu legalizar as terras, que não estavam habilitadas. Então, ele resolveu colonizar e regularizar os assentados. Dando uma escritura pública, um título com direito agrário, ele fez esse discurso em cima disso. Porém ele ganhou, o que ele prometeu ele cumpriu.

Uma outra coisa que eu fiquei assim e perdi o chão debaixo de mim, foi quando ele estava em Bodoquena. Fui a pé daqui para a cidade, na época não tinha essa estrada que eu falei pra vocês. Para ir no patrimônio às vezes não tinha ponte, nós passava por dentro d'água. Chegamos e disseram para nós que ia ter estrada, como jovem eu não acreditei. Eu vi gente em Bodoquena na frente daquela praça, onde ele ajoelhou e pôs a mão assim para o céu, foi um monte de gente. Foi um cenário lindo de se ver, ele falou assim: parou de discursar e disse; enquanto não colocar as pessoas de pé, eu não vou poder falar. Aí foram levantando aquelas pessoas, aí ele continuou o discurso. Foi um negócio assim muito forte. Ele prometeu legalizar e logo veio a estrada.

Em 1970 eu me alistei e saí daqui da Morraria em 1971 e retornei para morar em 1972. Porque eu fui Servir o exército em forte Coimbra, para vocês terem uma ideia o que é um assentamento. Para visitar meus pais, eu descia em Miranda, não tinha ônibus para Campo Grande. A gente vinha na ferrovia e gastava dois dias para chegar em Morraria. Quanto tempo vocês gastam para vir para cá hoje? 1 hora. Para vocês terem uma ideia, eu fazia em dois dias, descia e vinha até Bodoquena, aí tinha que ter um cavalo me esperando, porque eu escrevia por carta três meses antes. Uma carta para chegar aqui em Morraria ela levava de um mês a dois meses até três meses. O correio era em Miranda, tudo em Miranda para vocês terem uma ideia. Então parece uma coisa de louco surgir isso aqui. Mas veja que o brasileiro ele é tremendo, o brasileiro ele é assim. E foi assim que surgiu a Morraria.

Quando chegou em 1970, já tinha uma parte da estrada e foi subindo a serra. Mas não vai pensar que essa estrada melhorou muito, era muito íngreme, tinha muito morro aqui. Aconteceu muito desastre, tem vários pedaços de caminhão enfiado no pé da serra. Vai pensar que isso era uma estrada bonitinha. Se está feia agora, se está feia ainda, imagina no começo. Oh meus queridos! Imagina que o começo não foi fácil, não era gostoso de enfrentar. Quem tinha uma picape era o rei do gado, entendeu! Meu pai conseguiu comprar uma picape na

época que era o carro traçado as quatro rodas, Jeep tinha muito Jeep. Quem se lembra de Jeep? E depois os carrinhos da época foram aparecendo, uns fusca, fusquinha, fuscão. Há, Quem tinha um fusca, entendeu? Era uma festa.

Me lembro que quando apareceu a primeira moto aqui na Morraria, uma motocicleta. ficou todos Ah! Aquele monte de gente passando a mão, parecia que estava em outro planeta. Gente uma mota, normal! Que coisa gurizada passando a mão. Tinha crianças que nunca tinha visto, não tinha televisão em casa. Como é que tinha? As pessoas se divertiam com o rádio. Então quem comprava um rádio tinha uma televisão em casa.

Vamos lá, produtividade! Aí começou a surgir plantação de feijão, descobriu que aqui tem vocação para feijão, café, banana, amendoim e algodão. Estou falando de coisas que colhia, não era pouco. Extração de madeira e muitas negociações de terras. Porém, assim que eu cheguei, voltei para a morraria. O retorno para o quartel quando cheguei, a mulher comandante virou minha mãe e o comandante virou meu pai. Ele falou para mim, chegou em mim e falou assim: ó você não vai embora mais, eu fiz a maioria ginásial no quartel. Durante o período que eu estive servindo passei uma boa temporada, me falaram: você vai se engajar, vai ser oficial, você tem porte físico, tem que engajar, você não vai embora.

Sendo assim fiz uma carta, passei para minha mãe, aí foi um desastre dedicado. Teve choro, aquela coisa. Os outros meus irmãos eram mais pequenos, meu pai falou assim: O único filho que eu tenho que poderia me ajudar é você. Filho era muito importante naquela época e falou assim; vou vender isso aqui e vou acabar com tudo. Minha mãe mandou uma carta para mim, tadinha! mandou uma carta dizendo, vem embora. Foi quando desisti de tudo e voltei para ajudar meu pai e os irmãos, ajudar eles a construir aquela terra. Eu desisti do quartel e falei que ia ficar com a família. Falei para eles: não vou poder ficar. Voltei quando surgiu o êxodo rural aqui embaixo.

Nós aqui em cima, os lotes titulados são 85. Eu sou muito bom, eu tenho uma memória muito retentiva, ela guarda as coisas. 85 lotes aqui ok! Minto são 89 lotes. Eu falei 85, mas são 89. Havia 89 famílias assentadas aqui dentro, era outro assunto; um distrito onde não tinha título, não tinha nada. As ruas que vocês estão vendo, foram feitas tudo no achismo, a rua tem que ser aqui e aí todo mundo se juntava, fazia uma rua, no machado, na picareta e no enxadão. Não tinha máquina, não tinha nada, fazíamos aquela ruinha e tal para depois vim a titulação e organizar esse distrito, que foi em 1980.

Treze de maio de mil novecentos e oitenta (13/05/1980) surgiu o distrito. Alguém desceu aqui e falou que essa área aqui embaixo. Quando vocês sobem no Mirante, vocês

olham aquela mata. Tem uma área que é do estado, não faz parte da aldeia. Os próprios indígenas na época vinham e diziam o seguinte: a nossa divisa não vem aqui. Os indígenas mais velhos diziam que a divisa pega em cima da fazenda Pedra Branca, onde tem um marco de alumínio, esse marco de alumínio foi colocado por Dom Pedro II, quer dizer: pela equipe dele, pelos ministérios naquela época. Esses indígenas têm que ter um respeito histórico, temos que respeitar os Kadiwéu. Porque na guerra do Paraguai essa parte foi recompensa por terem lutado. Os soldados do Paraguai não conseguiram entrar por aqui, os indígenas não permitiram. Muitos morreram amarrados, abraçados com o Paraguai por aí e não permitindo que o exército de Solano Lopes, passasse por essas terras.

A Coroa do Brasil representada por Dom Pedro II, na época resolveu doar essas terras. São 500 e poucos de hectares de terras para os Kadiwéu. Essa Escritura é um prêmio que eles têm para a futura geração deles. Só que essa terra gente, ela está em 750.000 hectares. Não sou eu que estou inventando, aqui veio engenheiros de fora, Morraria foi assessorado por várias pessoas, têm vários documentos. Eu dei aula aqui de Geografia, os livros mais antigos que vinham de Cuiabá, diz que o córrego da Seriema faz parte do município de Miranda. Ninguém quer vender mais. E depois vieram os militares e disseram que estas terras estavam devolutas. Então o pessoal sonhou com isso! Só que quando entraram surgiu um outro problema: os latifundiários, os fazendeiros achou que eles podiam pegar essas duzentas mil e poucos hectares e trazer para eles. Usaram os indígenas para tirar quem? Os colonos, foi muito triste! Porque grande parte da produção saíam daqui. Eu conheço todas as descidas se vocês forem ali tem uma estrada que foi feita na picareta e no enxadão.

Então foi um negócio bravo! A Bel, minha esposa, para estudar subiam aqui na serra do cemitério. Ali tinha um trieiro onde subiam os alunos. Vocês estão achando difícil de ônibus? Tinha gente que subia essa bruta serra todos os dias para estudar. Fazia fila de alunos, surgiam alunos daqui, dali, dela. beleza! Para tirar, saiu com sangue! Teve duas tentativas fortes. Muitas pessoas perderam a vida. Eu acompanhei a primeira leva eu já era diretor. Eu me lembro muito bem! Nessa rumo aqui, eu tenho trauma, porque surgiu aqui nesse rumo vários carros e uma fila enorme, coisa de filme.

Quando chegou aqui, aquelas famílias que foram jogados de lá, chegaram aqui para me amarrar, tinha cordas na mão. Se eu impedisse, eles amarrariam meus pés e minhas mãos. Sabe como, entendeu! E eu falei: só pedi um tempo, fiz uma leitura. Deus sempre me deu luz e falou: Não resiste. Só falei para eles, não vou resistir, falei calma, me dá um tempo. Vim

aqui na sala e falei para os alunos, olha está acontecendo assim e assado, e saia da escola agora. Eu vi alunos aqui nessa rua, tinha uns que desciam, caíam por cima do pescoço. Então tropeçava! Era um gritando para o outro, porque eles tinham que deixar aquelas mudanças e buscar mais. Então, tinha pressa e entraram aqui na escola e tomou conta da merenda, tomou conta da escola. Acabou a aula, aqui de dentro não saia o SBT, Bandeirante, Globo a Record. Morava aqui dentro, só fazendo o quê? Reportagem, nem tudo é lindo, nem tudo é maravilhoso.

Passou um tempo; sei lá, fizeram uma arranjo, um acordo político e os políticos vieram, fizeram uma fantasia que agora foi feito um acordo com a Funai e mandou os coitados descer para baixo de novo. Eu vi um por um descer para lá, para morrer de novo. Era a garantia de um acordo, mas esse acordo foi descumprido seis 6 meses depois, um ano depois o acordo foi descumprido. E agora! sangue de novo! E agora foi pior. Porque na primeira vez a gente não perdeu a luta. Na segunda, a gente perdeu alguns alunos degolados. Ah! Isso é muito forte. O padre não veio aqui uma vez só da extrema unção, veio várias vezes. Na crença Kadiwéu, para matar bem matado tem que ser degolado, enfiar a faca na garganta e depois torcer. Destrói tudo, que é para matar bem matado. Tiro na cabeça...

Meu irmão era fotógrafo. Nessa época quando eu vim para cá eu tinha uma oficina de rádio. Toda vez nós fomos criativos. Eu tinha uma oficina de rádio, eu consertava e montava, percebi que tinha muito rádio e não tinha quem consertasse. Apreendi por correspondência, montei um rádio aqui dentro para mim e levei para a cidade para funcionar. Esse rádio funcionou montado aqui dentro e eu passei a ser rádio técnico, tinha uma placa lá embaixo, rádio técnica Trindade, fotógrafo Moisés. E não vai pensar que eu tinha um rádio, tinha uma pilha de coisas para consertar e eu dali descobri o meu talento. Vim para cá e me tornei professor. Porque era assim que tinha que ser.

Moral da história. 1970 até 1978, quando aconteceu o êxodo rural em 1981. A coisa mais triste é você ver os colegas indo embora. Não foi um ônibus só, eles carregavam o pessoal à noite. Eram três, quatro, cinco ônibus todo dia. Para vocês terem uma ideia um monte de gente que tinha aqui meus amores. Foi de dois meses a quase três meses tirando esse pessoal daqui. Foi tirando muita gente, dando tchau, dando beijinho, tchau, tchau, tchau. Foram embora e a morraria foi ficando vazia. Eu não ia mostrar para vocês porque esse objeto aqui em casa fica bem guardado. Depois eu falei, eu amo vocês! É que eu amo vocês. O que está na minha casa está na minha casa e vocês são meus filhos, você é meu filho, você é meu filho, meu filho, minhas filhinhas. Passa na mão de cada um e mostra. Olha o peso! Olha do lado, do outro. Passa para o outro, depois eu vou contar um pedacinho dessa história

que a gente está terminando o ciclo da produtividade. Eu contei ontem, se não fosse o professor falar estaria mentindo, de alguma forma é coisa para boi dormir, ele está falando demais.

Vira dos dois lados, olha o que tá escrito aí! Eu vou contar uma história, uma história de vida. Para fechar eu vou contar uma história de vida em dois minutos. Em cinco minutos, eu conto a história de vida de um moleque, para fechar esse ciclo aqui! Tenho saudade da Cida, tenho saudade de Dionilda, Professor José Ferreira, Rosa, Professora Mariana. Ah! Tinha tanta menina boa aqui que dava vida por isso aqui, rapaz que dava a vida por isso aqui. Daquela geração está aqui eu na Morraria. Não sei porque nem eu sei explicar. Fiquei por causa da família, eu amo muito minha família.

Porém fui ficando. Eu acho que agora nem adianta eu sair mais. Por que ? o que significa aquilo? Então vou contando, ao chegar aqui, ele passa para mim. O que é o valor simbólico daquilo ali, esse é um valor simbólico. Não é um valor real mais simbólico. Se fosse para colocar em prêmio. Qual seria o valor disso aqui para a época que a gente recebeu? Foi um valor simbólico, mas é muito forte para quem está em cima da terra. É um prêmio de reconhecimento pela alta produtividade. Meu pai, eu sou filho de assentado. Nós tínhamos um cafezal e bananal, quanto meu pai chegou a produzir? Eu falo, café seco 60 sacas de café. Meu pai colheu 1000 sacas. Entendeu? Nós éramos uma família e aqui na morraria é o seguinte, eu falei; cansei de colher três colheitas de feijão. Fiz uma brincadeira, gente! Sim, em nenhum lugar do mundo acontece isso, mas aconteceu aqui.

No entanto, aqui é um lugar muito forte de prosperidade, o nosso solo o PH está entre sete e meio a oito, ideal para plantar. O solo quando ele é ácido, ele está entre cinco até cinco e meio. Um solo abaixo disso, é um solo alcalino. Ele tem que melhorar, não tem força para produzir. O solo ácido, ele não permite produzir, porque ele está sem magnésio e outras coisas como baixo índice de fósforo. Para você ter o solo básico, você tem que ter nitrogênio e fósforo e potássio. Esse é o básico, mas depois você tem que ter os microminerais, que são outros o cobre. O nosso solo, esse solo que está aqui, essa Serra que parece aqui é a mesma que tem na Ucrânia. Observe bem o que a Ucrânia produz e o que a gente consegue produzir aqui; produzia maçã e uva. As pessoas não se desenvolveram, vai na Ucrânia geograficamente, cientificamente o solo que está aqui, ele está florando aqui na nossa vista e depois ele desaparece e reaparece na Ucrânia.

Depois vocês vão saber disso. Mas a mesma cordilheira que desaparece aqui, reaparece lá. Por isso nosso solo é rico. Se você pegar essa terra aqui, ela volta a produzir o que era. Passa lá em casa, eu joguei calcário com uma mão, olha lá os pé de banana. Dá uma

olhada lá. Eu estou com uma caixa de banana desse tamanho, eu colhi esses dias um cacho de banana maçã e levei para a casa, porque eu mesmo fiz uma correção por conta própria, beleza, então vou terminar aqui. Morraria foi isso! Em 1981 houve o êxodo rural e aí foi só perdendo gente, perdendo gente, perdendo gente e ficou do jeito que está. Hoje o prefeito esteve lá em casa, a gente teve conversando com ele e falei assim: na parte aqui, faltou investimento meu querido. Ah! Mano, eu falei de abandono mesmo. Falei de abandono, não tô aqui pra acusar a quem gosta ou não gosta, ficou no abandono.

Dizem que o ano que vem está vindo para eles habilitar essa área aqui com titulação, com títulos de escritura pública mesmo. Acredito que vão aparecer pessoas querendo vir para cá construir uma casinha. Vai melhorar a avenida, que venham pessoas tem um certo poder aquisitivo. Vai tentar fazer a casinha dele, buscar investimento, fazer uma casinha diferenciada. Eu também vou, não vou ficar com vergonha que eu moro na casinha de tábuas, vou arrumar a casa de alvenaria e vou tentar mudar, porque é assim que faz. É assim que acontece, beleza, vamos lá Vitória. A principal dificuldade foi estrada e energia. Vieram pessoas do Brasil inteiro, mas se destacou Fátima do Sul, Dourados, vila Vicentina, aquela região da parte de Dourados. Mas aqui você encontra; Nordeste, Paulista, Pessoas da Bahia, tinha muito mineiro “oxente”. Então, tinha muita gente assim, essa é a origem. Então, o que mudou para melhor ou para pior? Não; para melhor veio a estrada que trouxe o progresso. A estrada surgiu aqui de 1972 a 1974. A energia ela já veio em 83, 84, até 85 veio a energia elétrica, há quantos anos depois.

Mas a comunicação aqui você sobe ali em cima tem um PS (posto de serviço) que tinha uma cabine telefônica. Então apareceu o telefone e mudou muita coisa; porque para você ter uma ideia, a gente tinha que ir em Miranda. Chegava em Miranda não tem esse negócio assim quando a internet está fora do ar. Aí você não conseguia conectar com a pessoa, porque o telefone simplesmente não estava funcionando. Está fora do horário, que dependia de satélites, você tinha que voltar para trás, perdia viagem. Quantas vezes a gente voltou para trás, que havia perdido a viagem, gastava o dinheiro com a passagem e voltava para trás.

Deixa eu falar que a maior alegria era chegar em Miranda, antes do PS aqui. Aí, ó, tem telefone em Miranda! A gente ia lá em Miranda. Antes do telefone, era o telégrafo, você tinha que fazer um telégrafo e mandar para o parente, para ser uma coisa mais rápida. O Irineu Okaneco foi o administrador público, saiu entre 85 até 89 onde surgiu o PS. Quando saiu aquele PS que está desativado foi uma beleza. Aí depois puxaram um fio dele e colocou

aqui em frente a escola um orelhão que está dentro da cabine. Então foram avanços, conquistas que vieram para poder ajudar como; a comunicação, energia e assistência técnica. A Empaer na época que começou o desenvolvimento na base de 70, 74 a 80. Começou a dar assistência técnica, ajudou muito, então teve muito esse apoio e o financiamento também pelo Banco do Brasil. O Banco do Brasil começou a investir.

Depois surgiu esse problema, o êxodo rural, vamos lá. Então, a maioria desse pessoal saiu daqui foram embora para o bairro Jardim Nhá Nhá em Campo Grande. A maioria do pessoal de lá moraram aqui! A colônia Conceição, quem conhece a colônia Conceição em Nioaque? Boa parte do pessoal veio de lá. Estive agora no mês de janeiro. Em outros lugares, encheu o Brasil; Rondônia, Acre tem gente no Brasil inteiro. Esse tempo atrás encontrei um rapaz em Campo Grande, ele bateu a mão no meu ombro, ô mestre, tudo bem? Eu falei, tudo bem. Olhei para ele, era grandão, possante, e me disse: você é ainda diretor de escola? eu não sabia o nome, quem é você? rapaz! você pegou na minha orelha, eu sou fulano!

Eu nunca tive medo, porque eu peguei realmente na orelha dos danados. Naquele tempo podia pegar, eram cosquinhas de amor. Sempre fui amado por meus pequeninhos. Aí ele falou, professor eu sou empresário! E diante do que eu estava ganhando aqui na época. O professor fala do seu trabalho e do seu salário. Peguei e falei para ele saber. Ele me disse; a minha fatura é x. Aí eu me lembrei que ele era um falante, pegava nas mãos dele muitas vezes vinha para minha sala que ele era danadinho. Então eu não tive problema com aluno, por mais danadinho eu sempre pegava no pé deles, eles também não me deixavam.

Então eu não pegava no pé deles. Se eu pegava era dos danadinhos volta e meia. Merenda, cansei de merendar com eles aqui, então vou roubar a merenda deles. Uma outra pergunta aqui. Se me fez essa perguntinha aí. Aí o cérebro ainda falou assim como que fazia para Merenda, gente, tinha uma coisa aqui chamada união. Era uma liga muito forte, aqui não tinha merenda, quem dava as merendas eram os pais, os pais traziam merendas. A gente fazia apelo, parecia tudo. E quem lavava a escola eram os alunos, as alunas, os alunos, lavava a escola. Aqui não tinha água, a água vinha de carroça. Aqui não tinha água encanada, trazia água na garrafa. Meu pai baldeou a água para cá de graça, para a escola não parar. Aqui era todos por um ou um por todos.

Tinha divergência, mas tinha um negócio aqui chamado união. Era muito forte, ninguém se importava com a religião do outro. Aqui tinha três dias de festa aqui no campo, o campo era aqui, não era ali, era aqui. Nós tinha ali o Recreio. E eu, para conseguir conquistar eles, eu deixava 1 hora. Eu não estava nem aí. Deixava 1 hora de Recreio até às cantineiras

entrava no meio, eu entrava no meio, as meninas se embolaram e os guri e se embolaram-se eu fazia aquilo para eles. Então, aquilo ali para eles era uma festa, assim tinha uma ordem, a hora de brincar eu era um moleque com eles, mas na hora ferrar eu ferrava também. Tinha que ter responsabilidade.

Então, o distrito, ele existe! O bem maior que ficou no distrito foi que o tempo não acabou. Eu acho que conseguiu resistir o tempo é isso aqui à Escola. Não sei como essa escola está conseguindo sobreviver. Uma escola que eu disse para vocês que eu vou ter aqui 600 alunos e 4 período não sei como que ela conseguiu resistir o tempo, nem as coisas difíceis conseguiu acabar com isso aqui. Eu acho que ela é predestinada! Eu tenho 2 livros lá em casa que alguém me deu escrito Marechal Rondon, o cara mostrou pra mim e é um livro de quem desbravou o Mato Grosso do Sul. E então nossa escola conseguiu sobreviver, devido seus filhos.

Agora, gostaria que essa escola aqui, ela no projeto nosso, pudesse ser melhorada, imagina. Eu acho que eu sonhei aqui uma sala com um computador, cada aluno tendo acesso ao computador. Eu pensei numa escola onde pudesse aqui sair aqui alunos com certo curso e conhecimento profissionalizante. A gente sonhou em trazer uma escola técnica para cá, do ensino médio técnico. E a gente trabalhou em cima disso, o professor correu atrás disso, mas as coisas são muito difíceis. Então a gente criou esse aqui. Uma vez, A Globo esteve aqui para fazer acompanhar uma pesquisa que a gente estava fazendo, a gente criou uma horta comunitária e aí fizeram um trabalho lá como um tambor, aonde a água, o tambor, ele suga a água do córrego. E ele mesmo jogava por uma caixa, daquela caixa a gente conseguiu irrigar. E aí a Globo veio aqui, ela veio fazer uma entrevista, veio fazer um trabalho de reportagem aqui com a gente.

E ser lembrado no Brasil inteiro? Sonho. Sabe aquela música Americana, não sei se vocês lembram Tam Tam Tam Tam Tam Tam Tam Tam Tam Tam. Já viu essa música por aí? Tam Tam Tam Tam Tam Tam. Eu tive um sonho, aquele cara americano que é um negro, ele sonhou em ser presidente dos Estados Unidos, depois ele foi assassinado. Lembro dessa história triste, ele foi assassinado, que a briga entre brancos e negros, aí ele percebeu que seria o primeiro negro a subir no poder nos Estados Unidos. E tiraram, a vida dele não tinha tido um sonho. Eu só estou contando isso, que a gente sonhava naquele tempo, a gente sonhava. É que hoje poderia ser diferente para quem viesse aqui. É pecado sonhar? Não, não é pecado, pecado vocês sentarem juntos e não sonharem. Eu vejo muita coisa assim! Hoje a gente senta para refletir, o que que a gente quer? Aqui tinha uma roda, viu! Parabéns, parabenizo vocês, pela iniciativa de estar conversando, porque é muita coisa, uma roda de

conversa, ela pode surgir. Entendeu! A gente tem que ter união, tem que ter uma busca de Deus, não é. Esquece a religião gente! Mas tem que ter uma busca de Deus.

Cada um nasceu no lugar que deveria estar. Reverência muito a Deus que é dele que me dá luz. Naquele quartinho, ali é o lugar de eu fechar, chorar, vocês se enganam. Fechavam ali e ninguém sabia o que eu estava fazendo lá dentro. Você sabe o que eu estava fazendo quando eu não suportava. Acabei de falar aqui para vocês, o que eu fazia! Chorava. Isso é vergonha, você tem vergonha de chorar quando você não aguenta lapada da pressão estava demais e eu fechava a sala e ia chorar, limpar. Limpava a lágrima e saía de lá com o rosto seco. Dando de duro, mas eu chorava muito.

Contava para a tia dele. Cida, uma irmã! chorava e orava? Quando eu queria as coisas e as coisas não aconteciam. Eu falei para você e citar uma série, Oh! Vocês conhecem o da vaca? me pergunto o que eu quero melhor é educação. Gente, não tem coisa melhor que uma educação, uma formação. Como que eu busquei minha formação? Eu acho que como eu busquei, eu não desejo que vocês passem pelo caminho, por caminhos diferentes. Quando eu comecei a trabalhar aqui, eu tinha paz e da madureza, antiga madureza, quem tinha primeiro ano do ginásio, ou segundo ou quarto ano do ginásio era tudo a quarta série daquela época era o bicho da goiaba, mandava a mesmo. Então, o curso é admissão, mas depois é o curso do magistério. Eu tive que correr atrás. Até conseguir. Eu tive que sair daqui, passar fome aí fora para conseguir o ensino médio e a pedagogia.

Deu tanto rolo, e tanta confusão. Vocês lembram do curso a distância que vocês estão fazendo hoje? Quando eu fiz o primeiro curso a distância deu polícia federal. Porque alguém denunciou a gente que o curso seria clandestino. Alguém veio querendo abafar o curso. E nós estávamos fazendo curso em Fátima do Sul na época. Uma vez por mês, tinha que ir lá. Saindo dali, eu fui fazer uma pós-graduação, na Unasp Engenheiro Coelho Instituto Adventista e eu fui fazer psicopedagogia, eu sou doutor em educação, eu sou psicopedagogo, eu sou especialista em educação. Você vai dizer assim, mas porquê? Eu busquei esse curso, por duas coisas: um dia chegou um aluninho, e ele disse assim, deu uma camiseta para ele. Ele devolveu a camiseta e falou pra mim, não quero essa bosta, eu não quero essa merda. Desculpa pela expressão! Eu fiquei pensando, por que ele está devolvendo a camiseta para mim? três dias depois, ele colocou um revólver no ouvido e se matou! E se matou. Sabe, o que ele estava pedindo para mim naquele dia, me ajude, por favor. A forma como ele comunicou isso foi dizer o seguinte, pega essa bosta e pega essa porcaria e eu não soube interpretar.

Eu chorei copiosamente, eu não tenho vergonha. Fui ali a cabecinha dele, toda estourada e aí eu falei, perdi. Mas por que que eu não percebia, Porque?. Eu me questioneei, por quê? Um professor tem que está acima de alguma coisa. Para conseguir detectar coisas, a gente não está aqui. A gente está aqui para perceber como está a sua vida na casa do seu pai, como está sua vida, como está a vida de cada um. E às vezes chegava na escola, educar também é ajudar os alunos e aí eu fui fazer psicopedagogia. Aprendi muito, muito, muito, muito. Quando voltei lá, voltei esbagaçado, eu não voltei eu, e sim outra pessoa .

Retornei remendando chinelo de aluno. Os alunos vinham com o chinelo quebrado, passava aqui nesse corredor, dois a três chinelos aqui, ia lá na cantinho remendar os chinelos. Eu era outra pessoa, não sou a mesma pessoa porque eu comecei a entender quem é o ser humano. Quem é o seu ser humano? Não é à toa que aquele que abriu os braços na Cruz, não teve vergonha de morrer por você e por mim. Quem é um ser humano? Então essa escola e tudo, ela resiste o tempo, e ela pode fazer muito, então não deixe a escola acabar, tá bom! Beleza, não deixe a escola acabar, vamos investir nela, melhorar ela, ajudar nossa escola. Eu vejo vocês como uns heróis.

O salário é pouco, poderia ser melhor, mas com investimentos as coisas podem acontecer. A solução pode estar nele! A solução pode estar aqui, porque vocês podem sair daqui para ir estudar lá fora e sentar um dia na cadeira para interpretar a lei, mudar o rumo da lei. Isso pode acontecer, você pode ser a prefeita, o prefeito, o vereador, o governador do estado. Estou falando muito! Esses dias atrás encontrei um e falou professor, eu vou lá na sua casa almoçar com você, voltou. Ele andou e fui lá na porta e voltou e me abraçou, me deu um beijo dos dois lados do rosto e ele falou, estou indo lá! ele está na Argentina. Ele representa um grupo muito forte de uma empresa. Professor, minha cabeça está louca, mas vou almoçar com vocês, fala com sua esposa que eu vou lá, que estou indo almoçar. Então esses meninos estão por aí afora. Essas meninas que passaram por aqui estão se tornaram mães, mas muitos cresceram, graças a Deus, estão no estado inteiro, esparramados no Brasil inteiro.

Então eu falei com o prefeito hoje! Assim que vim pra cá, é uma das lutas que temos aqui na região que precisa ser melhorada são a questão da documentação e parece que ele correu atrás disso, uma parte chegou, outra parte vai chegar ele contratou uma empresa. Conversei com a Ana esses dias atrás, quando estava em Bodoquena. Ela é advogada, e também tem vários projetos e vai estar aqui em janeiro. Vai estar aqui para realmente arrumar isso aqui, colocar em ordem.

Enquanto a gente não vê essas datas aqui, com as suas escrituras públicas, porque aqui não permite você investir, então tem que ter todos suas escrituras para a gente, começa a dar

um norte para isso aqui. Aqui pode gerar emprego. Por quê? Aqui tem paisagismo, aqui tem ar puro, tem lugar de descanso. Então como e por que as empresas não vêm para cá? As empresas não vêm para cá porque realmente falta papel, papel verdadeiro, papel carimbado em cartório. Precisa disso, enquanto essa escritura não for realmente legal, em cartório de primeiro ofício, ninguém vai mexer aqui. Veja como nem o poder público pode fazer isso aqui, não pode fazer porque é uma Terra de ninguém. Eu falei pra ele hoje! É Terra de ninguém.

No momento estamos brigando, porque agora a água está passando por cima das ruas. E os bueiros, aqui estão arreventados tudo aí para baixo. Falei que a promessa aqui, foi antiga. Foi o senhor que pediu voto e nós votamos. O senhor pediu mais votos, nós votamos de novo no senhor. Então não é para estar perguntando de novo, como se não soubesse. Eu acho que tem que por pessoas honestas e chega desonestidade. As pessoas vão para o poder para usar o poder contra o povo, para com isso. Eu não estou falando de PT nem de outro partido, eu não estou falando nada. Estou falando de um sistema dominante, que está aí.

Quem pode mudar isso aqui, Vocês! Foi o que eu falei para eles naquele dia. Ah! Sei o que o professor falou para aquelas garotas e para o grupo, vamos lanchar aqui. Você pode mudar isso aí, porque o dia que vocês sentarem aí não vai fazer como esse cidadão fez com vocês. Eu não perdi viagem nenhuma! Isso aqui é um investimento que a gente fez em curto, médio e longo prazo. No dia que vocês entrarem no poder, lembre bem o que ele fez com vocês aqui. Não faça isso, a mesma coisa, viu Filha! Não faça, beleza.

Eu estou falando para essa bebe que está aqui, foi professor dela de educação infantil. Ela é um xodozinho para mim é uma pequenininha, ela é um punhado de gente, que dava mamadeira. Eu com uma maneira lá na boca das criancinhas. Fui professor de educação infantil. Ai me quebraram, para me aposentar me quebraram, mas me ensinaram também a fazer. Amar mais, entendeu! Então, um beijo no coração de vocês.

HISTÓRIA ORAL: LOURENÇO ANASTÁCIO



Foto do autor

Entrevista gravada em **22 de maio de 2025** por **Luiz Mendes** para um levantamento do documentário "**Terena/Kadiwéu: O mensageiro das Águas**". O dia foi muito agradável e tudo correu bem durante nosso encontro com as lideranças da etnia Kadiwéu. Nosso ponto de partida foi a Escola Estadual Antônio Alves de Barros, onde fomos recebidos pelos professores Laércio e pelo vice-cacique Etelvino que nos acompanhou pela comunidade e nos levou até as casas de pessoas que contribuíram generosamente com suas histórias e ensinamentos. Durante as conversas com as lideranças, foi reforçada a importância do retorno do documentário tanto da parte escrita do projeto apresentado na escola para a comunidade Kadiwéu, algo que foi muito frisado por todos. À medida que as histórias iam sendo contadas, me vi conectado a muitas delas — como se estivesse revivendo momentos do passado. Os relatos do historiador Sr Lourenço me tocaram profundamente e me remeteram aos ensinamentos dos meus próprios ancestrais. Foi impossível não pensar em quanto saber se perdeu com os mais velhos que já partiram sem conseguir transmitir todo o seu conhecimento. A gravação realizada, teve um propósito adicional e significativo por ser o historiador que detém os conhecimentos kadiwéu que foram passados de geração para geração. Aproveitando a oportunidade de estar com o Sr. Lourenço, solicitei a autorização da gravação de seu depoimento pessoal, focando especificamente no **conflito histórico que ocorreu entre posseiros e indígenas** na região de morraria do Sul na década 1980. Este relato é de extrema importância, pois serve como base para a transcrição e análise do projeto de pós-graduação dando continuidade no mestrado, enriquecendo a pesquisa com uma perspectiva direta e valiosa sobre as complexas dinâmicas territoriais e sociais enfrentadas pelas comunidades indígenas ao longo do tempo.

LOURENÇO ANASTÁCIO

Eu sou Lourenço Anastácio, nascido 10/08/1968, hoje estou com 58 anos, nascido e criado aqui na aldeia Alves de Barros comunidade indígena Kadiwéu, município de Porto Murtinho, nossa aldeia. Eu tenho uma graduação em História, fiz uma faculdade incompleta falta um ano para eu concluir, mas assim, eu sempre digo, juntando conhecimento daqui nativo e conhecimento por parte científico isso me agregou valores para eu ter mais entendimento sobre a ciências e a nossa cultura. Então eu sou índio Kadiwéu nessas condições eu fui militante, eu já fui cacique daqui da aldeia e hoje eu tenho um trabalho religioso da aldeia. Mas nunca deixei de exercer essa função dos descendentes da etnia Kadiwéu, eu sou pastor também. Eu tenho muitos anos como pastor, tenho 28 anos. E nessas condições tenho o trabalho religioso aplicado aqui na minha aldeia. Só que nem estou falando, eu nunca deixei nossas raízes.

Porém, estou adornado, com esses adornos. Isso aqui é uma Borduna que faz parte do nosso adorno quando é época da semana da nossa cultura, entendeu! Nós do povo Kadiwéu nunca usamos aqueles adornos tipos é... digamos penas de araras. Têm o porque! A gente sempre usa essa faixa na cabeça, é um adorno pessoal. O povo Kadiwéu sempre foi guerreiro. Porque nós não usamos esse adorno mais amplo e maiores! Porque o povo Kadiwéu sempre foi um povo guerreiro. Então enquanto nós usamos o traje grande como, por exemplo, um cocar bem grandão. Como a gente sempre na época, estou dizendo do descobrimento do Brasil para cá. sempre o fato histórico nosso e dos nossos antepassados nossos adornos são bem mais viáveis para poder manobrar.

Isso aqui é uma Borduna! Essa aqui já é um tamanho grande, isso aqui fazia parte e hoje faço para minha coleção. Então os nossos adornos fazem parte, porque nós andamos. E nós temos um fato histórico que os índios cavaleiros que são os Guaicurús que na verdade posteriormente somos o povo Kadiwéu. O colar toda vida foi feito de miçangas, agora os senhores me perguntam! onde se consegue miçanga nessa época. Por que nós vivemos aqui na fronteira do Chaco. Porque o que acontece aqui na fronteira do Chaco tem o rio Paraguai. Inclusive essa terra indígena Kadiwéu é banhada pelo rio Paraguai. A região norte é o rio Aquidaban. Aliás o Naitaca cai no rio Paraguai entendeu. Na região Sul, a divisa do nosso território banha o Rio Aquidaban que também cai no rio Paraguai. Então nós vivemos aqui. As miçangas na época, segundo nossos antepassados nós conseguimos miçangas por conta das vias fluviais na época. Os mercadores que subiam e desciam pelo Rio Paraguai. Então o povo Kadiwéu na época matava animais tipo couro de onça todo os tipos de couro. Isso no

começo do desenvolvimento. Tanto os países que são vizinhos nossos quanto o nosso Brasil. O povo Kadiwéu faziam a troca, vendiam para os mercadores fluviais com suas embarcações e conseguiam essas miçangas. É um adorno nosso muito antigo. E diante disso nós usamos as sementes das plantas das árvores frutíferas daqui. Então isso faz parte, entendeu.

A Borduna é o seguinte, era usada quando nós andávamos a cavalo. Quando o traje da montaria do a cavalo tinha várias funções. Isso aqui é uma das armas para nos abatermos qualquer tipo de animais. Por exemplo, eu monto no meu cavalo e pego minha Borduna e eu saio à caça com meu cavalo. Mas o cavalo tem que ser um cavalo, tem que ser único e prático do rebanho. É só para ir à caça. Pego minha Borduna e saio e com essa ferramenta essa arma que é a Borduna. Eu consigo matar uma queixada e consigo matar outro tipo de animal para nosso consumo. Essa é a função dessa Borduna aqui.

Geralmente a gente busca, porque vai da pessoa. Minha Borduna condiz com minha altura, ela está aqui um metro e vinte a um metro e trinta. Então eu fiz ela, de uma madeira chamada Guatambu de uma madeira que utiliza para colocar cabo de ferramentas tipo enxada e foice entendeu. Já o machado a gente utiliza outra qualidade é outro tipo de madeira. Já minha Borduna eu tirei ela com essa madeira chamada Guatambu. A gente usa mais os adornos dos colares, a gente usa muito mais. Você vê muito o povo kadiwéu na semana do índio 19 de abril, a maioria da gente usa nossos colares, mas fica guardado. Então só em época de festividade. Isso aqui que significa oh sabe! Uma festa, que a gente vai participar do bate pau, tem a dança que dizem hoje na atualidade do Gonguê, que é a dança da caixa, bate a caixa e alguém tocando a flauta e dança com nossos colares.

Inclusive também tem as pinturas e nessas pinturas também faz parte. A gente pinta o nosso corpo, nosso rosto. Tem às senhoras, essas pinturas, ela mais parte da mulher tem uma parente minha que ela faz. É uma das que ainda remanescentes que ainda pinta. Cada pintura tem o seu significado! Na face da pessoa que manda fazer pintura. As pinturas que aparecem na semana do índio são mais para festividade, mas existem pinturas que mais para ir para a guerra, para guerrear em algum lugar especificamente. Aquela pintura, do rosto de um corpo, é específica para essa finalidade, não na festividade. Oh! esse da cabeça é um tecido, são várias cor, escolher essa cor aqui vai da própria pessoa. Na verdade, isso aqui é usado como cocar. O cocar legítimo do Kadiwéu é retirado através de penas de pássaros, não aquelas penas cumpridas. Mas são umas penas bem detalhadas do corpo do pássaro.

Hoje nós vivemos numa atualidade, eu digo que continua, mas entre famílias. Porque o povo Kadiwéu eles têm uma linhagem de famílias, então vai depender muito de cada família, por exemplo, ainda sou fruto da finada minha avó contando essa história, por isso

que hoje eu tenho um pouquinho de conhecimento. Não digo que sou um vilão da questão não, mas ainda tenho conhecimento que eu tive a oportunidade de deitar em cima de uma esteira feita de couro de animal e a finada minha avó contando as histórias, então hoje ainda tenho esse conhecimento, não digamos bem profundos. Na atualidade, com a expressão da história do passado, eu procuro muito pesquisar para poder relatar, por exemplo, a essas questões que os senhores estão me trazendo.

Então a esteira era feita de couro de vaca ou digamos um boi, uma esteira bem macia. Tinha um senhor que hoje não tem mais, mas tinha um senhor, ele fazia com que esse couro de animal de boi bem macio e já tinha couro que já estava estendido no sol. No lugar em que colocava no chão ele ficava bem duro, eu tive a oportunidade de deitar no colo da minha avó, da finada minha avó e ouvir ela das histórias. Tem História com H e tem Istória sem H entendeu. Sem H estórias são as histórias, digamos, é só história bem mais é diferente do que aquelas histórias verídicas. Nós temos a historinha, por exemplo, a gente conta uma história, por exemplo, a gente fica muito restrito quando eu ver que a criança ainda não tem o conhecimento ainda, a gente começa a contar as histórias entre nós mesmo. Mas depois, por exemplo, no meu caso eu tenho um filho e repasso essas informações das histórias para ele. Pois são histórias verídicas que aconteceram no ano passado.

É então o passado, digamos, a história do índio cavaleiro. O índio cavaleiro é uma história é uma história que vem de um mistério é uma etimologia, entendeu. Oque que acontece as falanges dessa função que conta a história de como surgiu, as outras outras etnias. Isso aí são histórias verídicas, que minha finada avó me contava. Por exemplo, três etnias são citadas, por exemplo, o Terena, o nosso Deus supremo criador dos céus e da terra, ele deu alguma ferramenta para o povo ter. Está aqui a sua ferramenta, você vai viver da terra, a diferença tá aí e é visível até hoje.

Já para os Guaranis Kaiowá foi entregue para eles os equipamentos para eles viverem da reza, viver dessas coisas que fazem parte da religião. Existe um um pajé um rezador que ali é centralizado qualquer tipo de anormalidade para uma criança ou uma moça. Aquela função do rezador é exatamente para rezar para alguém. Já para nós o povo Kadiwéu o criador entregou uma ferramenta para nós, entregou um cavalo. entregou ele com todos os seus equipamentos para o uso no dia-dia.. Então o Deus supremo o criador ele deu essa responsabilidade para o Terena é um exemplo são várias etnias. Mas para nós a história narra dessa forma, de que Deus entregou para nós um animal.

Na história nós povo Kadiwéu fomos participantes da Segunda Guerra Mundial, da guerra entre o Paraguai e o Brasil entendeu. Alguns ainda tive oportunidade de conhecer um dos anciões velhinhos já morreu há 25 a 30 anos atrás ele faleceu. Foi um dos Pracinhas que participaram da guerra do Paraguai. É que eu não tô falando porque a gente respeita muito, a natureza, por exemplo, o cavalo que vai para uma apresentação. Digamos, nos tempos atuais hoje, entendemos que para fazer uma boa apresentação pra ser mais as questões das pinturas, a gente pinta o cavalo para fazer suas apresentações. E também aquele que tá montado vem com as suas próprias pinturas. Mas no passado, nós não usava, porque é por isso que eu tô falando aqui a respeito dos cavalos do passado e da atualidade, conseguimos resgatar essa parte que os cavalos também são pintados, mas tem um significado é mais por festividade.

Na década de 80 eu ainda conheci 3 pajé. Ainda tínhamos, era bem conhecido aqueles que ainda trabalhavam com esse tipo de religiosidade na região. A gente fala pajé, muitos falam que são os feiticeiros. Mas na verdade eles são um representante nosso dentro de uma comunidade, eu digo que são os conhecedores do nosso meio ambiente. Ele tem conhecimento para nós podemos recorrer a ele qualquer tipo de normalidade que nem estou dizendo que o povo Kadiwéu usava isso ainda. Só que hoje infelizmente, eu não sei se tem alguém. Eu não tenho esse conhecimento, entendeu. Em meados da década 80 o governo federal. Ele autorizou a descida do exército aqui, nas terras indígenas para demarcar nossas terras. Então, essas terras que estão em cima da serra, aqui no território indígena kadiwéu, ela é uma terra homologada. Na década de 80, foi aprovado pelos governos anteriores, mas antes disso houve conflitos, inclusive ali na região da Morraria, aconteceram fatos muito tristes.

Houve derramamento de sangue, e não poderia acontecer. Hoje eu penso nisso! Não poderia acontecer de alguém ser eliminado por conta dessa luta, dessa guerra de terra. Inclusive ali para lá da morraria, existiam 3.000.00 pessoas. A gente dizia que eram os posseiros, hoje em dia, só tem vestígios. Porque claro! Nós somos seres humanos, um dia a gente nasce e um dia, a gente tem que partir. Inclusive, tem túmulo lá onde viviam a maioria dos posseiros. Vamos dizer assim na época na década de 60 na década de 70. Então houve esse conflito, aconteceu realmente. A maior corrutela, vamos dizer, que a morraria era o maior movimento de posseiros. Ali era um entra e sai de caminhão quando saía uma carga, entrava o caminhão vazio e saíam com café, cheio de saco de café, banana. Todas essas colheitas.

Mas houve esse conflito, muito triste! Muito triste, que terminou com a morte de um senhor e de outros eles sendo eliminados. Eu na época, era pequeno, mas quem também eliminou já não está mais entre nós, também já foi. E aí, partindo da década de 85, houve a

primeira retomada, que é A Fazenda Santo Onofre, onde esse fato histórico está lá. Quem administrou esse movimento de conflito foi o meu saudoso Irmão, que é o Ambrósio, o Martin da Silva, ele na época. Ele estava se formando, para ser advogado, e ele descobriu como poderíamos retomar essas 538 mil hectares que hoje estão nas nossas mãos. Entendeu, houve esses conflitos, também não foi fácil.

Houve discussão e ameaça entre fazendeiro e nós da população Kadiwéu. Mas graças a Deus saiu a demarcação. Nunca mais aconteceu outro fato histórico de alguém sendo eliminado, por isso então, essas questões territoriais. Triste! Mas o derramamento de sangue ficou lá no passado. Entendeu, porque os primeiros presidentes na época dos coronéis. Houve uma visita, de um povo chamado da etnia Guaicurus. Porque nós somos descendentes dos Guaicurus. Posteriormente, o povo kadiwéu, que surgiu aqui nessa aldeia. Mas aconteceu isso no passado, houve derramamento de sangue, e só inclusive. Não sei como é uma questão de pesquisar, mas sempre tivemos a oportunidade de alguém traduzir.

Por exemplo, chega um branco aqui, você é o nosso tradutor. Você, por favor, você fala para o Branco? A minha fala é isso e aquilo. A primeira questão, quando os primeiros presidentes, os coronéis chegaram aqui, o que é que acontece? Eles começaram a perguntar qual era o nome. E nós era totalmente alheios à questão do português. Esse português que hoje nós temos domínio, nós não tínhamos nomes, só temos nome em Kadiwéu. Eu moro aqui a gente fala hoje vila, paredão. Tão essas condições, é um fato que estou resenhando para você. Aquilo que realmente aconteceu, coisas verídicas, que aconteceu, desceu o exército, mas antes disso houve conflito de verdade. Inclusive isso aqui era usado, essa Borduna aqui que eliminou esse senhor e era feiticeiro. Você sabe um pouquinho da história, você ouviu falar.

5. HISTÓRIAS CRUZADAS: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS EM MORRARIA DO SUL.

A compreensão da complexa dinâmica territorial em Morraria do Sul demanda um mergulho nas narrativas que se entrelaçam e se confrontam ao longo do tempo. Esta pesquisa explora as histórias oral de colonos e de indígena Kadiwéu, confrontando-as com o arcabouço teórico decolonial para desvelar as camadas de poder, memória e resistência que definem a região.

A intensificação da ocupação em Morraria do Sul, notadamente entre as décadas de 1970 e 1985, foi um processo multifacetado, impulsionado tanto por políticas governamentais de incentivo à interiorização quanto pela busca individual por oportunidades de subsistência e progresso. As narrativas dos colonos, construídas por meio da história oral, frequentemente revelam uma percepção da terra como um espaço disponível, muitas vezes descrito como "devoluto" ou "abandonado", aguardando a intervenção humana para ser transformado.

Conforme o depoimento de um dos entrevistados, Trindade Pereira dos Santos, a chegada à região era permeada por uma visão de desbravamento: "Chegamos aqui e era tudo mato, uma terra que ninguém trabalhava. Vimos uma oportunidade de ter o nosso pedaço." Essa perspectiva reflete uma mentalidade arraigada na colonialidade do poder (Quijano, 2000), que historicamente legitima a apropriação de territórios não europeus ou não capitalistas, desconsiderando a presença e as formas de ocupação preexistentes de povos indígenas.

A terra, nessa ótica, é destituída de seu valor intrínseco e relacional com os povos originários, sendo reduzida a um mero recurso a ser explorado em nome do "desenvolvimento" e da "civilização". As dificuldades iniciais enfrentadas por posseiros – a precariedade de acesso, à ausência de infraestrutura básica – reforçam, em suas narrativas, a ideia de um "sacrifício" necessário para a construção de um futuro, validando, a seu ver, a posse da terra.

5.1. A Resistência Kadiwéu: Memórias dos Conflitos que ecoaram no tempo.

Em contraponto às narrativas dos posseiros, a voz Kadiwéu revela uma realidade de invasão e confronto, onde a terra não era "vazia", mas sim parte intrínseca de sua existência,

cosmologia e subsistência. O período de ocupação é lembrado como um tempo de violência e ameaça direta à sua cultura e territorialidade. A menção à "borduna", um instrumento ancestral, emerge não apenas como um símbolo de um conflito físico pretérito, mas como um marcador de uma memória de resistência e da brutalidade imposta.

Um ancião Kadiwéu (Lourenço Anastácio, 22 de Maio de 2025) relata: "Antes de descer o exército [referindo-se a intervenções estatais], houve conflito de verdade. Essa borduna aqui eliminou esse senhor, e ele era feiticeiro. Você sabe um pouquinho da história, você ouviu falar." Este trecho encapsula a dimensão da violência e a transmissão oral da memória, onde a história não é apenas um registro de fatos, mas uma herança vivida.

A persistência do "medo que transcende gerações" (cf. Resumo) é um tema recorrente na narrativa Kadiwéu. Esse medo não se limita à lembrança de confrontos físicos, mas estende-se à incerteza quanto ao futuro do território e à constante ameaça de novas invasões e perdas culturais. A memória é, para os Kadiwéu, um ato de resistência (Silva, 2014), uma forma de reafirmar a identidade e a soberania em face da colonialidade do ser que tenta silenciar e invisibilizar suas existências.

As estratégias de resistência, embora muitas vezes silenciosas ou invisibilizadas pela narrativa dominante, são evidentes na fala Kadiwéu, manifestando-se na manutenção de suas práticas culturais, na transmissão de conhecimentos orais e na contínua reivindicação de seus direitos territoriais perante o Estado.

5.3. A Autoetnografia e a História Oral: Ferramentas importantes para a construção da Memória coletiva.

A escolha metodológica da autoetnografia e da história oral revelou-se fundamental para a profundidade desta pesquisa. Conforme Maia e Batista (2020), a autoetnografia permite ao pesquisador posicionar-se de forma reflexiva no campo, reconhecendo suas próprias experiências e subjetividades como parte integrante do processo de investigação. Isso foi crucial para estabelecer um diálogo mais autêntico e empático com os entrevistados, rompendo com a postura de "neutralidade" que muitas vezes inviabiliza as assimetrias de poder na pesquisa.

A história oral, por sua vez, foi o método por excelência para resgatar narrativas valiosas e histórias silenciadas. Ao privilegiar pessoas reconhecidas na comunidade como portadoras de histórias e ensinamentos tradicionais, a pesquisa conseguiu acessar "memória coletiva" que não está presente nos registros oficiais hegemônicos. Meihy e Holanda (2015)

destacam a potência da história oral como uma ferramenta de construção de conhecimento que se opõe à "história oficial", permitindo a emergência de vozes diversas e contribuindo para uma "ação política" de valorização e resgate de identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a colonização em Morraria do Sul e o conflito territorial na região de Bodoquena, Mato Grosso do Sul, envolvendo posseiros e indígenas Kadiwéus teve como objetivo central desvelar as complexas dinâmicas territoriais e as formas de resistência do povo originários diante das pressões coloniais e da expansão agrícola. Ao longo deste estudo, foi possível verificar que as disputas fundiárias na região não são eventos isolados, mas sim manifestações de um processo histórico contínuo, marcado por sobreposições de narrativas e violências estruturais.

Os achados desta investigação demonstram que a ocupação por posseiros, impulsionada por uma lógica de "terra vazia" e "progresso", confrontou-se diretamente com a presença ancestral Kadiwéu. As histórias orais, construídas tanto de colonos quanto de indígena, revelaram a coexistência de memórias distintas e, por vezes, antagônicas. Enquanto os posseiros narram uma jornada de desbravamento e estabelecimento, o Kadiwéu ecoa uma memória coletiva de medo, resistência e persistência diante de invasões e ameaças à sua soberania territorial e cultural. A menção à "borduna" é emblemática dessa resistência, um símbolo da luta por sua terra e identidade.

A análise decolonial permitiu ir além da mera descrição dos eventos, expondo como a colonialidade do poder moldou as percepções sobre a terra e os povos. As pressões da expansão agrícola e o arrendamento de terras indígenas, embora em dinâmicas mais recentes, perpetuam e aprofundam as desigualdades históricas, colocando em risco a autonomia e o patrimônio imaterial Kadiwéu. A contribuição da autoetnografia e da história oral foi crucial para dar voz a essas narrativas silenciadas, permitindo a construção de um conhecimento que valoriza a pluralidade de experiências dos povos originários.

Em síntese, a preservação dessas memórias locais assume um papel fundamental. Elas não são apenas registros do passado, mas ferramentas ativas para a conscientização sobre as injustiças históricas e a contínua luta por justiça territorial. Para futuras pesquisas, sugere-se aprofundar o estudo sobre as políticas públicas de regularização fundiária na região e seus impactos nas comunidades, bem como investigar as estratégias legais e sociopolíticas adotadas pelos Kadiwéus para a defesa de seus direitos. A compreensão das complexidades

de Morraria do Sul oferece valiosas lições sobre a resiliência dos povos indígenas e a urgência de uma perspectiva descolonizada para a construção de um futuro mais equitativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

Meihy, José Carlos Sebe Bom; Holanda, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. 2. ed., 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

Muller, Aline Maria. Índios Kadiwéu e posseiros na Serra do Bodoquena: representações na mídia impressa acerca de um conflito. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2011.

Silva, Giovani José da. A Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. 154 p.

CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. **Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

Maia, Suzana; Batista, Jeferson. Reflexões sobre a autoetnografia. **Prelúdios**, Salvador, v. 9, n. 10, p. 240-246, ago./dez. 2020.

Quijano, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: _____. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: [30 de outubro de 2024].

6. APÊNDICE:

HISTÓRIA ORAL: Marilda Pinto



Foto do autor

No dia 2 de junho de 2023, foi realizada uma entrevista na casa da Dona Marilda Pinto, uma moradora ilustre do distrito de Morraria do Sul, nascida no dia 11 de junho de 1947. Essa entrevista foi coletada para atividades extracurriculares do novo ensino médio, com o objetivo de registrar e preservar a história oral do distrito, contada por seus colonizadores. Dona Marilda, uma testemunha viva dos acontecimentos históricos da região, Com o devido respeito e gratidão, a entrevista de Dona Marilda será preservada como um legado para as futuras gerações, honrando a memória dos colonizadores e a história viva de Morraria do Sul.

Marilda Pinto

Quando eu vim de Bodoquena, lá da região do Taquarussu, ainda não havia carros, então precisei me deslocar a cavalo para conhecer a região de Morraria. O terreno que tenho posse, foi um presente do meu pai, ele marcou aquele lote que tenho até hoje, mas a mulher dele não quis vir para cá, então ele decidiu me dar essa propriedade. Foi assim que tive o primeiro contato com a Morraria, numa época em que as estradas estavam apenas começando a ser abertas, e tudo aqui ainda eram apenas marcações no terreno. Não havia estradas de verdade, apenas picadas e caminhos demarcados, e ainda não havia ninguém morando aqui. Era tudo novo e desafiador.

Naquela época, não tínhamos carros, então para conseguir suprimentos e recursos, era preciso ir até Miranda. Porém Bodoquena não existia ainda as opções eram a cidade de Miranda. Morraria estava em seus primórdios, e a vida aqui era bem diferente do que é agora. Aos poucos, mais pessoas foram chegando, estabelecendo-se desde aqui até o Tarumã. No entanto, ao longo do tempo, muitos partiram, e acabei sendo uma das poucas pessoas que permaneceram nesta região.

Quando cheguei nesta região, fui diretamente para Bandeirante, onde me estabeleci e enfrentei muitas dificuldades para sair dali. Houve muitos conflitos com os indígenas, que expulsaram vários colonos daqui. No início, muitas pessoas foram forçadas a deixar a região, mas eu decidi ficar. Muitos tiveram medo e partiram, mas eu permaneci! Meu terreno não ficava ao lado da reserva, mas sim dos outros colonos, e eles também foram expulsos devido à demarcação que pertencia aos indígenas. Naquela época, este lugar ainda não era chamado de Morraria, tinha outros nomes, mas não me recordo qual era. Só depois que deram o nome de Morraria.

No início, nossa atividade principal era a agricultura, plantávamos milho, arroz e outros cultivos para vender e comprar o básico. Havia muitos compradores interessados. Minha vida inteira foi dedicada ao trabalho na roça, e assim construí minha história nesta terra. Minha família foi uma das primeiras a colonizar a Morraria, mas depois a maioria das pessoas saiu daqui e ficaram poucas pessoas. Muitos abandonaram tudo e partiram.

Na época do conflito com os indígenas, muita gente morreu na região da chuvarada, e muitos corpos foram deixados lá mesmo, pois a polícia não ia até lá. Os indígenas matavam

e enterravam as vítimas, e nada foi feito a respeito. Esse conflito foi um grande marco para a história de Morraria, caso não tivesse ocorrido, talvez hoje seria uma cidade grande.

Na Bandeirante, já havia até escola, onde hoje mora a Neuza, e depois construíram uma igreja ao lado. Aqui em Morraria, a igreja também era um ranchão, só depois fizeram uma igreja de concreto. A história dessa região é marcada por muitas lutas e desafios, mas também por momentos de crescimento e mudança.

Naquela época, era difícil para eu sair, pois tinha muitas responsabilidades cuidando da roça e dos filhos. Para fazer roupas para as crianças pequenas, eu mandava comprar o pano e traziam em cavalos, já que não existia Bodoquena naquele tempo. Morraria era para ser onde hoje é Bandeirante. Cada pé de manga aqui era uma casa, mas hoje em dia as coisas mudaram.

No nosso sítio, não tínhamos água nem energia elétrica, tivemos que furar um poço para conseguir água. Com o tempo, as estradas e a energia elétrica chegaram, e a vida começou a melhorar. Antigamente, usávamos lamparina para iluminar nossas casas, mas muitas pessoas hoje em dia nem conhecem mais esse tipo de iluminação. Minha família toda é do estado do Mato Grosso do Sul. Meu filho mais velho nasceu no antigo assentamento Taquarussu, e eu o trouxe comigo para a Morraria. A vida aqui na região teve muitos desafios, mas também muitas histórias e memórias boas e ruins que guardamos.



Foto do autor



Fotos: Osmar Ajala, Página do facebook Morraria do sul.

Entrega da escrita da História oral aos moradores ilustres de Morraria do Sul, projeto desenvolvido juntamente com os alunos do ensino médio Escola estadual Joaquim Mário Bonfim, extensão sala Morraria turma 2024.

7. ANEXOS



Foto da Página do Facebook Morraria do Sul



Foto da Página do Facebook Morraria do Sul



Foto da Página do Facebook Morraria do Sul



Foto da Página do Facebook Morraria do Sul



Foto da Página do Facebook Morraria do Sul



Foto da Página do Facebook Morraria do Sul